

NOVENA A
JESUS CRISTO REI



Revmo. Pe. José María Sáenz de Tejada, S. J.



NOVENA A JESUS CRISTO REI



Revmo. Pe. José Maria Sáenz de Tejada, S. J.

Tradução de Pe. Amando Ariano Lochu, S. J.



NOVENA A JESUS CRISTO REI

Pe. José Maria Sáenz de Tejada, S. J.

Reservados todos os direitos dessa obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.

Conselho Editorial: Eduardo S. Gomes

Paulo R. G. Frade

Daniel A. Oliveira

Preparação de texto: Eduardo S. Gomes

Revisão de texto e técnica: Henrique Sebastião

Projeto gráfico, diagramação e capa: Henrique Sebastião

ISBN: 978-65-89613-49-7

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

T266n Tejada, José Maria Saenz de.
Novena de Jesus Cristo Rei / Pe. José Maria Saenz de Tejada;
tradutor Pe. Amandro Ariano Lochu, S. J. – Rio Grande da Serra, SP:
Realeza, 2022.
102 p. : il. ; 11 x 16 cm

Título original: Novena a Jesucristo Rey del Universo
ISBN 978-65-89613-49-7

1. Igreja Católica – Novenas. 2. Espiritualidade. 3. Jesus Cristo –
Devoções. I. Lochu, Amandro Ariano. II. Título.

CDD 242.76

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



Os direitos desta edição pertencem à Associação Cultural Christus Regnat

CNPJ 36.131.747/0001-26 - Rua São Luiz, 120 - Santa Tereza

Rio Grande da Serra - SP 09450-000 - Contato: +55 (11) 99281-4696

— www.obrascaticas.com —

SUMÁRIO

[Advertências](#) 9

A Novena a Jesus Cristo Rei

[Orações iniciais](#) 13

[Orações finais](#) 15

[Oração à Rainha Imaculada](#) 16

[Oração final](#) 17

[Primeiro dia](#) 19

[Segundo dia](#) 28

[Terceiro dia](#) 36

[Quarto dia](#) 43

[Quinto dia](#) 52

[Sexto dia](#) 60

[Sétimo dia](#) 68

[Oitavo dia](#) 76

[Nono dia](#) 86

[Cânticos](#) 95

NIHIL OBSTAT
LEONEL FRANCA, S. J.
Flum. Jan. 08.05.1928.

IMPRIMI POTEST
*Ex commissione Illmi. et Revmi.
Dni. Archiepiscopi*
JOANNES BAPT. DU DRÉNEUF, S. I.
*Præpositus V. Prov. Bras. Centr.
Flum. Jan. 09.05.1928.*

NIHIL OBSTAT
S. Pauli, 26 septembris 1928
CAN. DOR. M. LADEIRA
Censor

IMPRIMATUR
MONS. PEREIRA BARROS
V. Geral



NOVENA A JESUS CRISTO REI

ADVERTÊNCIAS

A suprema autoridade do Vigário de Jesus Cristo na Terra, nosso Santo Padre o Papa Pio XI, assinalou um novo astro no firmamento litúrgico da Santa Igreja, a saber: a **Festa de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei**, instituída para sempre por sua Encíclica *Quas primas*, de 11 de dezembro do Ano Santo de 1925, e a celebrar-se em data fixa, isto é, no último domingo do mês de outubro.

Querendo nós contribuir de algum modo para a celebração desta Festa, com o modesto tributo de nosso “grãozinho do areia”, apresentamo-nos reverentes, autor e tradutor, perante o Trono do Divino Rei, por intermédio de Santa Margarida Maria, tão entusiasta pelo Reinado do

Coração de Jesus, e lhe oferecemos esta modesta novena, que poderíamos chamar doutrinal, em vista das considerações propriamente doutrinárias que nela introduzimos, sendo uma para cada dia. Colaboramos assim com os ardentes desejos do Sumo Pontífice de divulgar as ideias nas quais se baseia a Realeza de Jesus Cristo. Para a sua elaboração, servimo-nos amplamente da mesma Encíclica de Sua Santidade e das Sagradas Escrituras.

** Se a alguém parecer demasiado extenso um exercício aqui marcado para cada um dos nove dias, poderá encurtá-lo à vontade, conforme lhe parecer melhor.*

Em forma de apêndice, acrescentamos a fórmula da **Consagração do gênero humano ao Sagrado Coração de Jesus**, que se deve recitar no dia da Festa de Cristo Rei, conforme estabeleceu o Papa em sua Encíclica, e a **Ladainha** ao mesmo Divino Coração, que se deve também rezar ou cantar nessa mesma ocasião, segundo determinou a Sagrada Congregação dos Ritos (aos 28 de abril de 1926).

Transcrevemos, igualmente, a mencionada Encíclica, dividida em nove partes, que poderão servir respectivamente para cada um dos nove

dias, caso se queira leitura mais copiosa. Ao tradutor pareceu oportuno fornecer ainda aos fiéis, nestas páginas, os textos de alguns hinos populares, que decerto agradarão e servirão para os dias desta solene novena.

Aos nossos queridos associados do Apostolado da Oração, a quem especialmente dedicamos este trabalho, recordamos que Sua Santidade o Papa Pio XI lhes concedeu, em Breve de 13 de março de 1926, indulgência plenária nesta Festa, com as condições de costume.

Seja tudo para a maior glória do Divino Rei!

A Novena a Jesus Cristo Rei

*No final deste livro encontra-se uma seleta de **cânticos em honra a Nosso Senhor Jesus Cristo**, que se podem rezar no início e ao final de cada dia desta novena, e também sua **Consagração e Ladainha** próprias.*

Orações iniciais, para todos os dias

*Prostrar-se perante o Sacrário ou diante de uma imagem de Nosso Senhor, persignar-se com o sinal da cruz e rezar o **Ato de Contrição**:*

Senhor meu, Jesus Cristo, Deus e homem verdadeiro, Criador e Redentor meu, por serdes vós quem sois, sumamente bom e digno de ser amado sobre todas as coisas, pesa-me, Senhor, de todo o meu coração de vos ter ofendido; pesa-me também ter perdido o Céu e merecido o Inferno; e proponho-me firmemente, ajudado com o auxílio da vossa divina graça, emendar-me e nunca mais vos tornar a ofender. Espero alcançar o perdão de minhas culpas pela vossa infinita misericórdia. Amém.

Oração ao Eterno Pai

Eterno Pai das misericórdias e Deus de toda consolação! Vós gerastes o Vosso Unigênito em Vosso seio, antes da aurora, entre resplendores de santidade. Vós lhe dissestes: Tu és meu Filho. Pede-me, e eu te darei as nações em herança, e em tua possessão as extremidades da Terra. Vós o constituístes herdeiro de todas as coisas e soberano Rei de toda a Criação.

Infinitas graças vos damos, Senhor, todos nós que fomos resgatados pelo seu preciosíssimo Sangue. Mas, ai! Muitos, muitíssimos homens não o reconheceram ainda por seu Rei; muitos indivíduos, muitos povos e nações têm se manifestado contra a sua Autoridade soberana. Senhor! Atendei aos direitos reais de Vosso Divino Filho; ponde seus inimigos como escabelo de seus pés. O seu império efetivo estenda-se de mar a mar; prostrem-se no pó da terra os seus inimigos; ofereçam-lhe presentes e adorem-no os reis de Társis e da Arábia, e todos os reis da Terra e todas as nações lhe prestem vassalagem.

Fazei, Senhor, que em todos os confins da Terra ressoe o hino jubiloso de triunfo: *Christus vincit, Christus regnat, Christus imperat!* – Cristo

vence, Cristo reina, Cristo impera! Para todo o sempre. Assim seja.

Orações finais, para todos os dias

Colóquio após as Considerações de cada dia da novena:

Amabilíssimo Salvador nosso, Jesus Cristo! Humildemente prostrados diante do vosso trono de amor, queremos prestar-vos juramento de fidelidade e obediência. Vós mesmo proclamastes a vossa divina Realeza perante o presidente romano. É verdade o que dizeis: *Rex sum ego; Eusou Rei*. De boa mente reconhecemos os vossos direitos reais: *Ave, Rex Judeorum! Salve, Rei dos Judeus, de todos os homens e de toda a Criação! Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor, o Rei de Israel. Hosana nas alturas! Ao insensato clamor dos ímpios: “Não queremos que este reine sobre nós!”*, respondemos: *Adveniat Regnum tuum! – Venha a nós o vosso Reino!*

Reconhecemos em particular e proclamamos em face do mundo que sois Rei, Soberano dos indivíduos. Sede o centro do nosso coração e o belo ideal da nossa vida. Queremos amar-vos e assina-

lar-nos com tudo o que for para vosso serviço e glória, ó Rei eterno e Senhor universal.

Senhor, Rei divino! O mais formoso filho dos homens, a graça se derramou nos vossos lábios: cingi a vossa espada, ó Rei poderosíssimo, e com a vossa majestade e formosura caminhei, avancei prosperamente e reinai sobre todos e cada um dos indivíduos. Avassalai o mundo inteiro e reinai em nossa querida pátria com especialíssima veneração. Fazei Senhor, que todas as gentes, tribos e nações desfilem perante o vosso Trono régio cantando: *Tu solus Sanctus, Tu solus Dóminus. Tu solus Altissimus, Jesu Christe!* Vós sois o único Santo, o único Senhor, o único Altíssimo, Jesus Cristo, Nosso divino Rei. Assim seja.

Após o término da Resolução Apostólica de cada dia, seguem-se as seguintes orações:

Oração à Rainha Imaculada

Virgem Imaculada, Nossa Senhora, ao mesmo tempo em que aclamamos a Jesus Cristo Rei, todos nós vos aclamamos e veneramos também a vós, sua augusta Mãe, sereníssima Rainha dos

Céus e da Terra. Compartilhai a sua realeza humano-divina e fostes constituída por Ele mesmo Rainha soberana dos anjos e dos homens. Ocupais no Céu um trono especial á direita do Trono de vosso divino Filho, vestida de sol, como de manto luminoso, pisando a lua como régio escabelo de vossos pés, coroada de estrelas como de diadema real.

Promovei, Senhora, o efetivo Reinado de Jesus Cristo sobre toda criatura; apressai o advento do vosso mesmo reinado no mundo, para que se apresse também o do vosso Filho: o Reinado universal, público e privado, individual e social do Santíssimo Coração de Jesus Cristo. Amém.

Oração final, para todos os dias

*Dábit illi Dóminus Deus
sédem Dávid patris ejus,
et regnabit in domo Jácob
in ætérnum, et regni ejus
non erit finis.
Alleluia.*

*V. Data est mihi omnis
potestas.*

O Senhor Deus lhe dará o trono de Davi seu pai, e reinará eternamente na Casa de Jacó e seu Reino não terá fim. Aleluia.

V. Foi-me dado todo poder.

R. In cælo et it in terra.

Oremus — Omnipotens sempiternæ Deus, qui in dilecto Filio tuo, universorum Rege, omnia instaurare voluisti, concede propitius, ut cunctæ familiae Gentium, peccati vulnere disgregatæ, ejus suavissimo subdantur império. Qui tecum vivi et regnat in unitate Spiritus Sancti, Deus per omnia saecula saeculorum.

Amen.

R. No Céu e na Terra.

Oremos – Onipotente e sempiterno Deus, que quisestes restaurar todas as coisas em vosso querido Filho, Rei do Universo, concedei-nos, propicio, que todas as famílias das gentes, desagregadas pela ferida do pecado, submetam-se ao seu suavíssimo Império. Que convosco e o Espírito Santo vive e reina, Deus por todos os séculos dos séculos. Amém.

PRIMEIRO DIA:

Jesus Cristo, Rei dos indivíduos

Pelo sinal, etc., seguido das orações iniciais (vide pp. 13ss.). Depois segue:

**Leitura da Encíclica “QUAS PRIMAS”,
de S. S. PIO XI:**

A Paz de Cristo no Reino de Cristo

1. Na primeira Encíclica, dirigida em princípios do nosso Pontificado aos Bispos do Mundo inteiro, indagamos a causa íntima das calamidades que, ante os nossos olhos, avassalam o gênero humano, Ora, lembra-nos haver abertamente declarado duas coisas: uma, que este aluvião de males sobre o universo provém de ter a maior parte dos homens removido, assim da vida particular como da vida pública, Jesus Cristo e sua Lei sacrossanta; a outra que baldado era esperar paz duradoura entre os povos enquanto os indivíduos e as nações recusassem reconhecer e proclamar a

Soberania de Nosso Salvador. E por isso, depois de afirmarmos que se deve procurar “a paz de Cristo *no* Reino de Cristo”, manifestamos que era intenção nossa trabalhar para este fim, na medida de nossas forças. “...*No* Reino de Cristo”, dizíamos, porque para restabelecer e confirmar a paz, com outro meio mais eficiente não nos deparávamos do que reconhecer a Soberania de Nosso Senhor. Com o correr do tempo, claramente pressentimos o raiar de dias melhores, quando vimos o zelo dos povos em acudir, uns pela primeira vez, outros com renovado ardor, a Cristo e à sua Igreja, única dispensadora da salvação: sinal manifesto de que muitos homens, até o presente como que desterrados do Reino do Redentor, por desprezarem sua autoridade, preparam, ainda bem, e levam a efeito sua volta à obediência.

Preparação providencial da nova festa o ano santo

2. Quanto depois sobreveio, quanto aconteceu no decorrer do “Ano Santo”, digno, na verdade, de eterna memória, porventura não concorreu eficazmente para a honra e glória do Fundador da Igreja, de sua soberania, de sua suprema realeza?

Exposição missionária

Realizou-se primeiro a “Exposição Missionária”, que nos corações e nos espíritos dos homens produziu tão profunda impressão. Ali vimos os incansáveis trabalhos empreendidos pela Igreja, para dilatar cada vez mais o Reino de seu Esposo, em todos os continentes, em todas as ilhas, até nas mais longínquas, perdidas no oceano. Vimos quantos países conquistaram ao catolicismo, à custa de seus suores, de seu sangue, nossos heroicos e destemidos missionários. E vimos as imensas regiões que ainda ficam por sujeitar ao domínio benfazejo de nosso Rei.

Peregrinações jubilares

Durante o Ano Santo, realizaram-se romarias, vindas a Roma, de todas as partes do mundo, guiadas por seus bispos ou sacerdotes. Que motivos impeliam esses peregrinos senão o desejo de purificarem suas almas e de proclamarem, junto ao sepulcro dos Apóstolos e em nossa presença, que estão e querem permanecer sob a Autoridade de Cristo?

Canonizações

Por fim, conferimos a seis Confessores e Virgens as honras dos Santos, depois de cabalmente provadas suas admiráveis virtudes. Não brilhou nesse dia, com novo fulgor, o Reino de Jesus? Que júbilo, que consolação não foi para Nossa alma, depois de proferirmos os decretos definitivos, ouvir no majestoso recinto de S. Pedro a imensa multidão dos fiéis aclamar com uma só voz, entre cantos de ação de graças, a Realeza gloriosa de Cristo — *“Tu Rex gloriæ, Christe!”* –, num tempo em que indivíduos e Estados, joguetes das sedições nascidas do ódio e discórdias civis, precipitam-se para a ruína e a morte, a Igreja de Deus, prosseguindo a dar ao gênero humano o Alimento da vida espiritual, gera e continua a educar para Cristo gerações sucessivas de Santos e Santas, e Cristo por sua vez não cessa de chamar à eterna felicidade do seu Reino celeste quantos se lhe demonstraram súditos fiéis e submissos de seu reino terrestre.

Centenário do Concílio de Niceia

Com o grande jubileu, coincidiu o 16º centenário do Concílio de Niceia. Mandamos festejar este

aniversário secular, e nós mesmos o comemoramos na Basílica Vaticana, com tanto melhor grado porque este Concílio definiu e proclamou dogma de fé católica a “consustancialidade” do Unigênito de Deus com seu Pai, e, inserindo em sua fórmula de fé ou *Credo* as palavras: “Cujo Reino não terá fim, *cujus regni non erit finis*”, com isto mesmo afirmou a dignidade real de Cristo.

Súplica em favor de Cristo Rei

3. Portanto, já que este ano jubilar em mais de uma ocasião contribuiu para pôr em realce a Realeza de Cristo, julgamos comprimir um dos anos mais próprios do nosso ofício apostólico, acedendo às súplicas, assim individuais como coletivas, de numerosos cardeais, bispos ou fiéis, e encerrar este ano com a introdução na liturgia da Igreja de uma festa especial em honra de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei. Este argumento temo-lo tanto a peito, veneráveis irmãos, que desejamos entreter-nos dele convosco alguns instantes. Empenho vosso será, depois, tornar acessível à inteligência e aos sentimentos populares quanto dissermos sobre o culto de “Cristo Rei”, de modo que a nova festa anual produza agora e no porvir múltiplos frutos.

CONSIDERAÇÃO

O título oficial, profundamente significativo, da nova festa que nos preparamos a celebrar é: *Festum Domini Nostri Jesu Christi Règis*: a Festa de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei. Nela veneramos em modo especial a régia Soberania, divina e humana ao mesmo tempo, do mesmo Jesus Cristo. Três são os títulos da sua Realeza.

I – É Rei por direito de criação.

— Jesus Cristo é Filho unigênito de Deus, o Verbo incarnado, nascido do Pai antes de todos os séculos, consubstancial com Ele, por quem foram feitas todas as coisas, dizemos no *Credo* da Missa. Se é o Criador, é também o Senhor, o Rei soberano de todas as criaturas.

Jesus Cristo é, pois, Rei por sua própria natureza: por ser Filho Unigênito de Deus, em virtude da união hipostática, isto é, pessoal, pela qual as suas duas naturezas, divina e humana, subsistem em uma só pessoa divina, a pessoa do Filho de Deus.

II – É Rei por direito de herança.

— Neste seu Filho incarnado, Jesus Cristo, tem o Pai todas as suas complacências; e por isso, conforme nos dizem as Sagradas Escrituras, deu-lhe em herança todas as nações, por isso o constituiu seu herdeiro universal, e ainda, em atenção a Ele fez os séculos e quer que todas as nações lhe prestem vassalagem.

III – É Rei por direito de conquista.

— Jesus Cristo veio do Céu à Terra para conquistar o seu Reino e voltar então ao Céu (cf. Lc 19, 2). Desceu Jesus do Céu para nos remir da miserável escravidão de Satanás, por meio de sua vida santíssima e de sua acerbíssima paixão e morte. Entregou-se para o nosso resgate, e a poder de tormentos nos libertou do poder das trevas.

Todos nós somos, portanto, o povo de sua conquista. Tal é, enfim, Jesus Cristo, que as suas mesmas qualidades pessoais, se fossem devidamente conhecidas, fariam com que os povos avoroçados o aclamassem com entusiasmo por seu Rei, como outrora quiseram fazer durante a sua vida mortal.

Com quanta razão e quão acertadamente exclamava São Paulo: — “Irmãos, rendamos graças a Deus Pai, que nos fez dignos de participar da sorte dos santos na Luz; que nos arrancou do poder das trevas, e nos fez passar para o Reino do Filho de seu amor, no qual, pelo seu sangue, temos a redenção e a remissão dos pecados” (1Col 1, 12-14).

Jesus Cristo é, portanto, Rei por nascimento, por herança e por conquista. Rei eterno e universal, Rei divino e humano, Rei dos indivíduos, das famílias e das sociedades. Rei de toda a Criação, que detém toda a plenitude de prerrogativas e direitos reais. Foi-lhe dado todo o poder no Céu e na Terra (Mt 28, 18), como afirmou Ele mesmo, pouco antes de tornar ao Céu.

COLÓQUIO (vide pp. 15-16)

RESOLUÇÃO APOSTÓLICA

Empenhar-se em procurar que Jesus Cristo seja o Rei absoluto de nossas inteligências, sujeitando-as incondicionalmente á sua fé, por ser Ele a Verdade; de nossas vontades, obedecendo fiel-

mente às suas leis, por ser o Caminho; de nossos corações, amando-o com todas as veras, por ser Ele a Vida.

Rezar 3 Pai-nossos, 3 Ave-Marias e o Glória, em honra das três insígnias com que o amantíssimo Coração do nosso Rei se apresentou a Santa Margarida Maria entre esplendores de divina Realeza.

Em seguida, Oração à Rainha Imaculada e Oração final para todos os dias (vide pp. 16s.).

SEGUNDO DIA:**Jesus Cristo, Rei da família**

*Pelo sinal, etc., seguido das orações iniciais
(vide pp. 13ss.). Depois segue:*

**Leitura da Encíclica “QUAS PRIMAS”,
de S. S. PIO XI:**

**FUNDAMENTO DOUTRINAL
DA NOVA FESTA**

Cristo Rei no sentido metafórico

4. Muito há que a linguagem corrente dá a Cristo o nome de “Rei” em sentido metafórico e transposto. Dizer que Cristo é Rei, com efeito, atesta a eminente e suprema perfeição com que sobrepõe a todas as criaturas. Assim, dizemos que “reina sobre as inteligências humanas” por causa da penetração do seu espírito e da extensão de sua ciência, mas sobretudo porque é a própria Verdade em pessoa; é d’Ele, portanto, que recebem os homens, rendidamente, toda verdade. Di-

zemos que “reina sobre as vontades humanas”, porque n’Ele se alia a indefectível santidade do divino querer com a mais reta, a mais submissa das vontades humanas; e também porque as inspirações entusiasmam nossa vontade livre pelas causas mais nobres. Dizemos, enfim, que é “Rei dos corações”, por causa daquela inefável “caridade que excede a toda humana compreensão” (Ef 3, 19); e porque sua doçura e sua bondade atraem os corações: pois nunca houve, no gênero humano, e nunca haverá quem tanto amor tenha ateadido como Cristo Jesus.

***Cristo, Deus-Homem, Rei da Humanidade
em sentido próprio***

5. Aprofundemos sempre mais o nosso argumento. É manifesto que o nome e o poder de “Rei”, no sentido próprio da palavra, competem a Cristo em sua Humanidade, porque só de Cristo enquanto homem é que se pode dizer: do Pai recebeu “poder, honra e realeza” (Dn 7, 13-14). Enquanto Verbo, consubstancial ao Pai, não pode deixar de lhe ser todo igual e, portanto, de ter, como Ele, a suprema e absoluta soberania e domínio de todas as criaturas.

Testemunho do Antigo Testamento

6. Que Cristo seja Rei, não o lemos nós na Escritura? Ele é o “Dominador oriundo de Jacó” (Nm 24, 19), Ele o “Rei, dado pelo Pai a Sião, sua santa montanha, para receber em herança as nações, e dilatar o seu domínio até os confins da Terra” (Sl 2, 6-8). Ele o verdadeiro “Rei vindouro” de Israel, que o cântico nupcial nos representa sob os traços de um soberano opulento e poderoso, a quem se dirigem estas palavras: “O teu trono, ó Deus, subsistirá por todos o séculos: a vara da retidão é a vara do teu Reino” (Sl 44, 7). Omitindo muitos passos análogos, deparamos além, como, para delinear com maior nitidez a fisionomia de Cristo, vem predito que seu Reino desconhecerá fronteiras e desfrutará os tesouros da justiça e da paz. “Nos dias d’Ele, aparecerá justiça e abundância de paz... E dominará de mar a mar, e desde o rio até os confins da Terra” (Sl 71, 7-8). A esses testemunhos, juntam-se mais numerosos ainda os oráculos dos Profetas, e notadamente a tão conhecida profecia de Isaías: “Já um Pequeninino se acha nascido para nós, e um Filho nos foi dado, e foi posto o principado sob o seu ombro; e será chamado Admirável, Conselheiro, Deus Forte, Pai do futuro século, Príncipe da Paz. O seu Im-

pério se estenderá cada vez mais, e a paz não terá fim; assentar-se-á sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o firmar e fortalecer em juízo e justiça, desde então e para sempre (Is 9, 6-7).

7. Não é outro o modo pelo qual se expressaram os demais Profetas. Assim fala Jeremias, quando prenuncia à descendência de Davi “um germe de justiça”: esse filho de Davi, que reinará como Rei, “será sábio e exercerá segundo a equidade e justiça na Terra” (Jr 23, 5). Assim Daniel, quando prediz a constituição por Deus de um Reino “que não será jamais dissipado... e que durará eternamente” (Dn 2, 44). E pouco depois acrescenta: “Eu considerava estas coisas numa visão de noite, e eis que vi um, como o Filho do Homem, que vinha com as nuvens do Céu, e que chegou até o Antigo dos dias; e eles o apresentaram diante d’Ele. E Ele lhe deu o poder, e a honra, e o reino; todos os povos, e tribos e línguas, o servirão: o seu poder é eterno, que não lhe será tirado, e o seu reino é tal, que não será jamais corrompido” (Dn 7, 13-14). Assim disse Zacarias, quando profetizou a entrada em Jerusalém, entre as aclamações do povo, do “Justo e Salvador”, do Rei cheio de mansidão “montado sobre uma jumenta, e sobre o potrinho da jumenta” (Zc 9, 9). E

não apontaram os Evangelistas o cumprimento desta profecia?

* * *

CONSIDERAÇÃO

Jesus Cristo é Rei não somente dos indivíduos particulares, isolados, mas ainda da família como tal. Jesus Cristo dignificou a sociedade conjugal; para lhe dar base sólida, instituiu um novo Sacramento e o declarou um e indissolúvel. Dignou-se presidir e abençoar as bodas de Caná de Galileia. Desde então, deve selar com sua divina Presença, por intermédio de seus sacerdotes, e corroborar e santificar com sua graça a celebração do matrimônio. Se este se celebra entre católicos, prescindindo da Igreja, Esposa do divino Rei, não é verdadeiro matrimônio. “O chamado matrimônio civil, declarou Jesus Cristo por meio de seu Vigário na Terra, o Santo Padre Pio IX, é torpe concubinato”.

Por isso, deve Jesus Cristo presidir a formação de todo novo lar, e sua lei santíssima deve regular as mútuas relações conjugais de marido e mulher. A eles cabe a gravíssima obrigação de alistar em seguida os seus filhos nas fileiras dos súditos do divino Rei, batizando-os, de os ins-

truir na sua santa lei e de os educar em seu santo temor e amor. Jesus Cristo é salvaguarda do lar; Ele há de confirmar com sua Autoridade soberana a autoridade e as ordens dos pais, para que seja possível a verdadeira educação dos filhos e sólida a prosperidade de toda a família.

Esposos cristãos, quereis que as bênçãos do Céu desçam copiosas sobre vossas famílias? Apenas formadas, consagrai-as ao Sagrado Coração de Jesus; em vossa casa dê-se o lugar de honra ao trono do divino Rei; entregai-lhe sem reservas vosso lar recém-formado e tudo que vos pertence; fazei da vossa casa cópia e imitação da sua humilde casa de Nazaré. Jesus Cristo seja não somente o vosso Rei, mas ainda Pai e Chefe da família, confidente de vossas alegrias e de vossas tristezas, conselheiro nas vossas dúvidas, refúgio e amparo nas vossas tribulações. Em sua companhia e sob os seus olhares, florescerão todas as virtudes domésticas, e em vossa casa habitará Jesus com sumo agrado, como na casa de Bethânia.

Famílias cristãs, diz-vos o Santo Padre, vós preparastes em parte a declaração da nova festa de Cristo Rei, pela prática de consagrar-vos ao seu divino Coração. Vós haveis de propagar esta

santa prática e consolidar assim o reinado do Coração de Jesus em todas as famílias.

E vós, famílias religiosas, casas e comunidades, que já reconheceis de bom grado os direitos soberanos do nosso Salvador, adorai-o e amai-o com sempre maior fervor e entusiasmo. Doutrinaí e formai todos os vossos membros, alunos e alunas, todas as pessoas que de vós dependem, afim de que sejam sempre e em toda a parte valerosos e fidelíssimos súditos do divino Rei, Jesus Cristo.

COLÓQUIO (vide pp. 15-16)

RESOLUÇÃO APOSTÓLICA

Consagrar a nossa família ao Sagrado Coração de Jesus e procurar que a nossa casa seja sempre um pequeno reino seu, regido pelo Código de seus preceitos. Desterrar dela todos os costumes, modas, periódicos e revistas que desagradem ao divino Rei. Propagar a salutar prática da Consagração das famílias ao Sagrado Coração de Jesus, nosso Rei.

Rezar 3 Pai-nossos, 3 Ave-Marias e o Glória, em honra das três insígnias com que o amantíssimo Coração do nosso Rei se apresentou a Santa Margarida Maria entre esplendores de divina Realeza.

Em seguida, Oração à Rainha Imaculada e Oração final para todos os dias (vide pp. 16s.).

TERCEIRO DIA:**Jesus Cristo, Rei da cidade**

Pelo sinal, etc., seguido das orações iniciais (vide pp. 13ss.). Depois segue:

**Leitura da Encíclica “*QUAS PRIMAS*”,
de S. S. PIO XI:**

Testemunho do Novo Testamento

8. Esta doutrina de “Cristo Rei”, que acabamos de esboçar segundo os Livros do Antigo Testamento, bem longe de apagar-se nas páginas do Novo, bem ali, ao invés é confirmada do modo mais esplêndido e em termos admiráveis. Bastará lembrar apenas a mensagem do Arcanjo à Virgem, a anunciar-lhe que dará à luz um Filho; a este Filho, Deus outorgará “o trono de Davi, seu pai, e reinará eternamente na casa de Jacó, e seu reino não terá fim” (Lc 1, 32-33). Ouçamos agora o testemunho do próprio Cristo no tocante à sua soberania. Sempre que se lhe oferece ensejo, em seu último discurso ao povo sobre a recompensa e os castigos que, na vida eterna, aguardam os

justos e os maus; em sua resposta ao governador romano que lhe perguntará se era Rei; depois de sua ressurreição, quando confia aos Apóstolos a missão de instruírem e batizarem todas as nações, reivindica o título de “Rei” (Mt 25, 31-40), e publicamente declara que é “Rei” (Jo 18, 37) e que “todo poder lhe foi dado no Céu e sobre a Terra” (Mt 28, 18). Que entende com isto, senão afirmar a extensão de sua potência, a imensidade do seu Reino? À vista disto, deverá fazer-nos estranheza que S. João o proclame “Príncipe dos reis da Terra” (Ap 1, 5)? Ou que, aparecendo o próprio Jesus ao mesmo Apóstolo, em suas visões proféticas, traga escrito na veste e na coxa: “Rei dos reis e Senhor dos senhores” (Ap 19, 16)? O Pai, com efeito, constituiu a Cristo “herdeiro de todas as coisas” (Hb 1, 1). Cumpre que reine até o fim dos tempos, quando “arrojará todos os seus inimigos sob os pés de Deus Pai” (1Cor 15, 25).

Testemunho da Liturgia

9. Desta doutrina comum a todos os livros santos, naturalmente dimana a seguinte consequência: justo é que a Igreja Católica, reino de Cristo na Terra, chamada a estender-se a todos os homens, a todas as nações do Universo, multiplicando os

preitos de veneração, celebre, no ciclo anual da liturgia santa, a seu Autor e Instituidor como a Rei, como a Senhor, como a Rei dos reis. Com admirável variedade de fórmulas, estas homenagens expressam um e o mesmo pensamento; desses títulos servia-se a Igreja outrora no divino ofício e nos antigos sacramentais; repete-os ainda agora, nas preces públicas que todos os dias dirige à infinita Majestade e na oblação da Hóstia imaculada. Nesse louvor ininterrupto de Cristo Rei, nota-se para logo a formosa harmonia dos nossos ritos com os ritos orientais, verificando-se aqui também a verdade do prólogo: “As normas da oração confirmam os princípios da Fé”.

Argumento teológico

10. O fundamento sobre o qual pousa esta dignidade e poder de Nosso Senhor, define-o exatamente S. Cirilo de Alexandria, quando escreve: “Numa palavra, possui o domínio de todas as criaturas, não por tê-lo arrebatado com violência, senão em virtude de sua essência e natureza” (*in Lucam*, 10). Esse poder dimana daquela admirável união que os teólogos chamam de “hipostática”. Portanto, não só merece Cristo que anjos e homens o adorem como seu Deus, senão também que homens

e anjos devem prestar-lhe submissa obediência como a Homem. E assim, só em força dessa união, a Cristo cabe o mais absoluto poder sobre todas as criaturas, posto que durante sua vida mortal renunciasse ao exercício desse domínio.

Mas haverá, outrossim, pensamento mais suave do que refletir que Cristo é nosso Rei não só por direito de natureza, mas também a título de Redentor? Lembrem-se os homens esquecidos de quanto custamos a nosso Salvador. “Não fostes resgatados a preço de coisas perecíveis, prata ou ouro, mas com o sangue precioso de Cristo, como de cordeiro sem macha nem defeito” (1Pd 1, 18-19). Já não nos pertencemos, pois que deu Cristo por nós “tão valioso resgate” (1Cor 6, 20). Até nossos corpos são “membros de Cristo” (1Cor 6, 15).

* * *

CONSIDERAÇÃO

Nosso Senhor Jesus Cristo é também Soberano Rei dos povos e de todas as cidades.

Não é talvez a cidade uma associação, um conjunto de famílias? Não é, portanto, Jesus Cristo, autor da família, o autor e criador também da cidade?

Logo, tem igualmente sobre estas famílias, reunidas e associadas numa mesma cidade ou num mesmo povo, os mesmos direitos, soberanos e imprescritíveis, que tem sobre os indivíduos e sobre as famílias isoladas. Além disto, todo povo ou cidade há de ser forçosamente governado por uma autoridade; e onde se poderia encontrar a fonte única de toda autoridade senão no Filho de Deus incarnado?

A este direito régio de Jesus Cristo sobre a cidade, corresponde, nesta, o dever incontestável de reconhecer pública e oficialmente a sua soberania; e neste reconhecimento está o principal brasão de sua nobreza.

Povos e cidades, quereis gozar de prosperidade moral e mesmo material na proporção que vos convenha? Tende presente que haveis de assegurar-lá em Deus Nosso Senhor, na vassalagem que haveis de prestar ao divino Rei: se o Senhor não guardar a cidade, em vão vos afanareis na sua defesa. Inúteis serão os vossos esforços para administrá-la reta e acertadamente. Não haja um só artigo em vossas leis e ordenações municipais, um só ponto em vossas proclamações e disposições, que seja, sequer de leve, contrário aos direitos soberanos de Jesus Cristo. Procurai que dentro dos

limites da vossa cidade e em todo o território do vosso município se conservem cuidadosamente os costumes cristãos e as práticas religiosas herdadas de vossos antepassados. Castigai com mão forte a profanação dos dias festivos; ponde destemidamente um duro freio às línguas que insultam a Deus e aos seus santos; reprimi prudente e eficazmente os escândalos públicos, as desordens, os bailes e outras diversões perigosas e imorais.

Reconheçam as mesmas autoridades civis esta soberania de Jesus Cristo, tomando, em corpo, parte nas funções religiosas mais importantes, erguendo monumentos e estátuas no centro ou em ponto culminante da cidade. Entronizai a bendita imagem do divino Rei no salão nobre ou na sala das sessões da câmara municipal, ao lado do chefe da nação ou do presidente da câmara, para que presida e abençoe as vossas deliberações e os vossos trabalhos em prol da cidade. É porventura descrédito dos municípios honrar e enaltecer o chefe e soberano da própria nação? Muito menos o será honrar e enaltecer o Rei eterno, o divino Soberano de todo o Universo.

Os mesmos direitos soberanos competem a Jesus Cristo sobre o Estado, com sua deputação estadual, sobre qualquer organismo infrassobe-

rano. Afinal de contas, é Jesus Cristo o seu Criador e Legislador supremo, e há de ser de fato o seu divino Rei.

COLÓQUIO (vide pp. 15-16)

RESOLUÇÃO APOSTÓLICA

Por em jogo toda a nossa influência, envidar todos os esforços que estejam ao nosso alcance, para que Jesus Cristo seja o Rei absoluto do nosso povo ou cidade; para que se observem as festas, guardem-se os dias santos de preceito, seja santificado o nome do Senhor e nada repugne, na vida pública e municipal, aos sagrados direitos do divino Rei.

Rezar 3 Pai-nossos, 3 Ave-Marias e o Glória, em honra das três insígnias com que o amantíssimo Coração do nosso Rei se apresentou a Santa Margarida Maria entre esplendores de divina Realeza.

Em seguida, Oração à Rainha Imaculada e Oração final para todos os dias (vide pp. 16s.).

QUARTO DIA:

Jesus Cristo, Rei da Sociedade Civil

Pelo sinal, etc., seguido das orações iniciais (vide pp. 13ss.). Depois segue:

**Leitura da Encíclica “QUAS PRIMAS”,
de S. S. PIO XI:**

ÍNDOLE DA REALEZA DE CRISTO

***A Cristo Rei cabe o poder legislativo,
judicial, executivo***

11. Para dizer, em poucas palavras, a importância e índole desta Realeza, será apenas necessário asseverar que abrange o tríplice poder constitutivo, essencial de toda realeza verdadeira. Provam-no de sobejo os testemunhos de toda a Escritura no tocante à dominação universal de nosso Redentor, e é artigo de fé católica: Cristo Jesus foi dado aos homens não só como Redentor, que lhes merece toda confiança, mas também como Legislador, a quem devemos prestar obediência

(Conc. Trid., Sess. 6, cân.21). E com efeito, não dizem os Evangelhos tão só que promulgou leis, mas no-lo representam no ato de promulgar as leis. A quantos observarem os seus preceitos, declara o Divino Mestre em várias ocasiões e de diversos modos, que com isto mesmo lhe hão de provar o seu amor e permanecer em sua caridade (Jo 14, 15; 15, 10). Quanto ao “poder judicial”, declara o próprio Jesus havê-lo recebido de seu Pai, em resposta aos judeus que o haviam acusado de violar o descanso do sábadado, curando milagrosamente neste dia a um paralítico. “O Pai”, disse-lhes o Salvador, “não julga a ninguém, mas deu todo juízo ao Filho” (Jo 5, 22). Esse poder judicial igualmente inclui o “direito”, que não se pode dele separar, de “premiar” e “punir” aos homens, mesmo durante a vida. A Cristo compete o “poder executivo”, porquanto devem todos sujeitar-se ao seu domínio, e quem for rebelde não poderá evitar a condenação e os suplícios os quais Jesus renunciou.

Realeza espiritual

12. Esta Realeza, porém, é principalmente interna e respeita sobretudo a ordem espiritual. Provam-no com toda evidência as palavras da Escritura

acima referidas, e, em muitas circunstâncias, o proceder do próprio Salvador. Quando os Judeus, e até os Apóstolos, erradamente imaginavam que o Messias libertaria seu povo para restaurar o reino de Israel, Jesus desfez o erro e dissipou a ilusória esperança. Quando, tomada de entusiasmo, a turba que o cerca o quer proclamar rei, com a fuga furta-se o Senhor a estas honras, e oculta-se. Mais tarde, perante o governador romano, declara que seu Reino “não é deste mundo”. Neste Reino, tal como no-lo descreve o Evangelho, é pela penitência que devem os homens entrar. Ninguém, com efeito, pode nele ser admitido sem a fé e o batismo; mas o batismo, conquanto seja um rito exterior, figura e realiza uma regeneração interna. Este Reino opõe-se ao reino de Satanás e ao poder das trevas; de seus adeptos exige o desprendimento, não só das riquezas e dos bens terrestres, como ainda a mansidão, a fome e sede de justiça, a abnegação de si mesmo, para carregar cada um sua cruz. Foi para adquirir a Igreja que Cristo, enquanto “Redentor”, verteu o seu sangue; para isto é que, enquanto “Sacerdote”, ofereceu-se e de contínuo se oferece como Vítima. Quem não vê em consequência que sua Realeza deve ser de índole espiritual, e participar da natureza deste seu duplo ofício?

13. Todavia, fora erro grosseiro o de negar a Cristo Homem a soberania sobre as coisas temporais todas, sejam quais forem. Do Pai recebeu Jesus o mais absoluto domínio das criaturas, que lhe permite dispor delas todas como lhe aprouver. Contudo, enquanto viveu sobre a Terra, absteve-se totalmente de exercer este domínio temporal, e desprezou a posse e o regimento das coisas humanas, as quais deixou, e deixa ainda, ao arbítrio e domínio dos homens. Verdade graciosamente expressa no conhecido verso: “Não arrebatas diademas terrestres quem distribui coroas celestes” — *Noneripit mortalia, qui regna dat cælestia* (Hino *Crudelis Herodes*, Of. da Epif.).

Realeza universal

14. Assim, pois, a realeza do nosso Redentor abraça a totalidade dos homens. Sobre este ponto, de muito bom grado fazemos nossas as palavras seguintes de nosso predecessor Leão XIII, de imortal memória: “Seu império não abrange tão só as nações católicas ou os cristãos batizados, que juridicamente pertencem à Igreja, ainda quando dela separados por opiniões errôneas ou pelo cisma: estende-se, igualmente e sem exce-

ções, aos homens todos, mesmo aos alheios à fé cristã, de modo que o império de Cristo Jesus abarca, em todo rigor da verdade, o gênero humano inteiro” (Encícl. *Annum Sacrum*, 25 de maio de 1899). E, neste particular, não cabe fazer distinção entre os indivíduos, as famílias e os Estados; pois os homens não estão menos sujeitos à autoridade de Cristo em sua vida coletiva do que na vida individual. Cristo é fonte única de salvação para as nações como para os indivíduos. “Não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do Céu nenhum outro nome foi dado aos homens, pelo qual nós devemos ser salvos” (At 4, 12). D’Ele provém ao Estado, como ao cidadão, toda prosperidade e bem estar verdadeiro. “Uma e única é a fonte da ventura, assim para as nações como para os indivíduos, pois a cidade não é outra coisa do que uma multidão concorde de indivíduos” (S. Aug., *Epist, ad Macedonium*, c.3). Não podem, pois, os homens de governo recusar à soberania de Cristo, em seu nome pessoal e no de seus povos, públicas homenagens de respeito e submissão. Com isso, além de sustentarem o próprio poder, hão de promover e aumentar a prosperidade nacional.

CONSIDERAÇÃO

Às regiões mais amplas e dilatadas que aquelas do lar doméstico e da cidade se estende a Soberania de nosso Senhor Jesus Cristo, Rei da Nação, do Estado, da sociedade civil. Mais ainda: a nova Festa de Cristo Rei, segundo as intenções do Sumo Pontífice e os antecedentes históricos, tem especialmente em mira o Reinado social de Jesus Cristo. E com muita razão. Não se funda talvez a sociedade civil na mesma natureza humana, que dela precisa para seu completo desenvolvimento? Pois, quem há de ser o seu fundador senão o mesmo Deus, criador e aperfeiçoador do mesmo homem?

Por outra parte, a autoridade civil é elemento indispensável de toda sociedade; e esta autoridade não pode ser senão um raio da autoridade divina, única verdadeiramente soberana. *Non est potestas nisi a Deo*. Não há autoridade alguma que não proceda de Deus.

Por ser mais ampla esta autoridade na sociedade civil que em outras sociedades inferiores incompletas, faz que brilhe com mais fulgor a sua origem divina. Logo, o Deus Encarnado, Jesus Cristo, é o verdadeiro soberano de toda socieda-

de, seja monarquia ou república. Se não precedesse o mandato do Rei divino, nenhum título jurídico suficiente poderiam apresentar os reis e as autoridades humanas para nos comandar.

Compete então a Jesus Cristo o perfeitíssimo direito para dominar, mesmo sobre as coisas materiais, para absorver toda a soberania temporal e assumir o governo político dos povos? Assim é. Jesus Cristo é o Príncipe dos reis da Terra, é o Rei dos reis e Senhor dos que dominam. Não quer, porém, exercer este direito de propriedade sobre as coisas temporais, e delega às autoridades legítimas o domínio político que lhe compete. “Meu Reino não é deste mundo”, declarou Jesus perante o presidente Pilatos.

Nada terá que ver, então, a política com Jesus Cristo? Devagar; entendamo-nos bem: “Ainda que o Governo de Jesus Cristo não seja político, a política e os políticos hão de estar, contudo, sujeitos a esse Governo soberano de Jesus Cristo. Os seus direitos são antes espirituais do que políticos; mas ainda assim devem informar a política e dirigir os políticos” (Pe. Bover, S. J.). O rei e o presidente de uma república e todas as autoridades, como tais, hão de ser e manifestar-se católicos.

Muito bem o entendeu e praticou o católico monarca Affonso XIII (que Deus guarde), quando consagrou, pública e oficialmente, a Espanha ao Sagrado Coração de Jesus, no Cérro de los Angeles, e o Céu não tem deixado de recompensá-lo!

O mesmo Estado, como tal, tem que professar a Religião católica. Se se mostra indiferente ou neutro com respeito à Igreja, é injusto: se a persegue, é tirano e déspota, e suas decisões devem ser combatidas por todos os meios lícitos.

Daí, quem não vê que o laicismo, o prescindir de Deus, de nosso Senhor Jesus Cristo na vida social e política é, como diz o Papa, a “peste dos nossos tempos”? Quem não vê a monstruosidade das doutrinas liberais que, em último caso, querem excluir a Jesus Cristo e sua Igreja da vida política e social? A ambos estes crassíssimos erros assesta um golpe mortal a Encíclica do Sumo Pontífice Pio XI.

COLÓQUIO (vide pp. 15-16)

RESOLUÇÃO APOSTÓLICA

Influir quanto pudermos, com a oração e a ação, para que a nossa estremecida nação brasileira reconheça, prática e oficialmente, a Soberania social de Jesus Cristo. Valer-nos de quantos direitos e faculdades nos concedam as leis, para que os governos e parlamentos e todos os organismos do Estado acatem sempre os direitos de Deus.

Rezar 3 Pai-nossos, 3 Ave-Marias e o Glória, em honra das três insígnias com que o amantíssimo Coração do nosso Rei se apresentou a Santa Margarida Maria entre esplendores de divina Realeza.

Em seguida, Oração à Rainha Imaculada e Oração final para todos os dias (vide pp. 16s.).

QUINTO DIA:**Jesus Cristo, Rei da Igreja Católica**

Pelo sinal, etc., seguido das orações iniciais (vide pp. 13ss.). Depois segue:

**Leitura da Encíclica “QUAS PRIMAS”,
de S. S. PIO XI:**

BENEFÍCIOS SOCIAIS DESTA REALEZA***Crise da autoridade***

15. Ao subirmos à Cátedra pontifical, deplorávamos o lastimável decaimento em que vemos abatido o prestígio do Direito e a reverência à autoridade. Quanto do que então dizíamos não é hoje menos atual ou oportuno. “Excluídos da legislação e dos negócios públicos, Deus e Jesus Cristo, e derivando, os que regem, o seu poder, já não do Alto, mas dos homens, aconteceu que ruiu o próprio fundamento da autoridade, em consequência de estar removida a razão fundamental

do Direito que a uns assiste de comandar, e da obrigação consequente que têm outros de obedecer. Seguiu-se daí forçosamente um abalo na sociedade humana inteira, falha assim de amparo e sustentáculo firme” (Enc. *Ubi Arcano*, DP 19). Se soubessem resolver-se os homens e reconhecer a autoridade de Cristo em sua vida particular e pública, para logo deste ato dimanariam em toda a humanidade incomparáveis benefícios: a justa liberdade, a ordem e o sossego, a concórdia e a paz.

No interior dos Estados

16. Com dar à autoridade dos príncipes e chefes de governo certo caráter sagrado, a dignidade real de Nosso Senhor enobrece, com isso mesmo, os deveres e a sujeição dos cidadãos. Tanto assim que S. Paulo Apóstolo, depois de prescrever às mulheres casadas e aos escravos de reconhecerem a Cristo na pessoa de seus maridos e senhores, recomendava-lhes, ainda assim, de obedecerem não servilmente, como a homens, mas tão só em espírito de fé como a representantes de Cristo, porque é indigno de uma alma resgatada por Cristo obedecer com servilismo a um homem. “Fostes resgatados com grande pre-

ço: não estejais sujeitos já como escravos a homens” (1Cor 7, 23). Se os príncipes e governos legitimamente constituídos tivessem a persuasão de que regem menos em próprio nome do que em nome e lugar do Rei Divino, é manifesto que usariam do seu poder com toda a prudência e com a toda a sabedoria possíveis. No legislar e na aplicação das leis, como haveriam de atender ao bem comum e à dignidade humana de seus súditos! Então floresceria a ordem, então veríamos difundir-se e firmar-se a tranquilidade e a paz; embora o cidadão reconhecesse nos príncipes e chefes de governo homens iguais a si pela natureza, ou, mesmo se por algum motivo indignos e repreensíveis, nem por isso deixaria de lhes obedecer, por depreender neles a imagem e a autoridade de Cristo, Deus-Homem.

Vantagens sociais para as nações

17. Pelo que respeita à concórdia e à paz, é manifesto que, quanto mais vasto é um reino, quanto mais largamente abraça o gênero humano, tanto é maior a consciência em seus membros do vínculo de fraternidade que os une. Essa consciência, assim como remove e dissipa os frequentes

conflitos, assim também atenua e suaviza os amargores que dos conflitos nascem. E se o Reino de Cristo abarcar de fato, como de direito abarca, as nações todas, por que deveríamos perder a esperança nessa paz que à Terra veio trazer o Rei pacífico? Nesse Rei que veio “para reconciliar todas as coisas” (Cl 1, 10), “que não veio para ser servido, mas para servir aos outros” (Mc 10, 45) e que, embora “Senhor de todos” (Gl 4, 1), deu exemplo de humildade e principalmente inculcou esta virtude, envolta com a caridade, acrescentando: “Meu jugo é suave, e é leve minha carga” (Mt 11, 30)? Oh! De quanta ventura não poderíamos desfrutar, se os indivíduos, as famílias, a sociedade enfim se deixasse reger por Cristo! “Então”, finalmente, para citarmos as palavras que nosso predecessor Leão XIII dirigiu aos bispos do mundo inteiro, “então seria possível sanar tantas feridas; o Direito recobriria seu antigo viço, seu prestígio de outras eras; então retornaria a paz com todos os seus encantos e cairiam das mãos as armas e espadas, quando todos de bom grado aceitassem o Império de Cristo, obedecessem a Ele, e toda língua proclamasse que “Nosso Senhor Jesus Cristo está na glória de Deus Pai” (Enc. *Annum Sacrum*).

A FESTA DE JESUS Cristo Rei

18. E a fim de que a sociedade cristã goze largamente de tão preciosas vantagens e para sempre as conserve, é preciso que se divulgue quanto possível o conhecimento da Dignidade Real de Nosso Salvador. Ora, nada pode, pelo que nos parece, conseguir melhor este resultado do que a instituição de uma festa própria e especial em honra de Cristo Rei.

* * *

CONSIDERAÇÃO

Sendo Jesus Cristo, Rei soberano, soberana será também sua Esposa, a Santa Igreja Católica, por Ele fundada; adornada estará com todas as joias e prerrogativas da realeza.

Pio XI, em sua Encíclica, inculca muito esta consequência da Soberania de Jesus Cristo: fundou Ele mesmo a Igreja para continuar sua obra redentora, e a Igreja tem, por conseguinte, absoluto direito à plena liberdade e à independência de todos os poderes da Terra, no exercício do seu ministério de ensinar aos homens e de encaminhá-los para o Céu. O Vigário de Jesus Cristo, Cabeça visível da Igreja, deve ser também Papa-Rei, independente de toda potestade terrena.

Note-se, com efeito, que a Igreja, segundo a constituição que lhe deu seu divino Fundador, é uma sociedade completa e perfeita, isto é, independente de toda outra sociedade que lhe trace seu próprio fim. Tem, por conseguinte, estes dois direitos supremos, fontes de todos os outros: direito à vida e direito à independência. Destes se derivam os direitos de pregar e ensinar a sua doutrina, de organizar exclusivamente a sua hierarquia, de administrar seus sacramentos, de exercer livremente seus poderes legislativo, executivo e judicial; o direito de adquirir e possuir bens imóveis, o da livre comunicação das pessoas da sua hierarquia, particularmente do Romano Pontífice, com todos os fiéis.

O Estado, o Poder civil, tem que reconhecer e cumprir seus deveres jurídicos correlativos aos direitos da Igreja. Nada mais falso, portanto, que a teoria liberal e revolucionária da separação entre Igreja e Estado. A teoria liberal “é a mais perniciosa das pestes” (Pio IX).

Dos mesmos direitos soberanos gozam as ordens religiosas e todas as Instituições que sejam instrumentos da Igreja na extensão e propagação do Reinado de Jesus Cristo.

Quão graciosa e majestosa na sua deslumbrante formosura se apresenta aos nossos olhos esta Esposa do Divino Cordeiro! Rei dos reis, o Filho de Deus a fez aquisição sua à custa de sua vida; houve por bem aformoseá-la, limpando-a de toda mácula e ruga com seu preciosíssimo sangue (Ef 5, 26-27). Ela, sociedade divina, permanece sempre invariável e imutável em meio às perpétuas vicissitudes de todas as sociedades humanas; invencível e imortal pela virtude de Deus e vencedora de todas as potestades infernais e dos poderes da Terra, muitas vezes contra ela conjurados.

Onde se encontrará, nos fastos da História, uma monarquia semelhante à Monarquia do Reino de Cristo na Terra, a Igreja Católica? Seus limites se confundem já com os do mundo; seus súditos são, de direito, todos os homens; de fato, os voluntários são milhões; há os seus monarcas, os vice-reis do divino Rei (entre os quais, muitos santos e, entre estes, outros tantos mártires); sua duração não terá fim. Seus mais de vinte séculos de gloriosa existência e a palavra do seu Fundador são garantia certa de que há de durar enquanto durarem os séculos e quanto dure o mesmo Deus.

Salve, Igreja Católica, Una, Santa, Católica, e Apostólica, Esposa do Rei da Glória! Salve, Soberana do Reino das almas, salve!

COLÓQUIO (vide pp. 15-16)

RESOLUÇÃO APOSTÓLICA

Reverenciar e servir à Santa Igreja como à nossa Rainha, e amá-la como à nossa Mãe. Defender valorosamente às suas régias prerrogativas diante das possíveis intrusões e embargos do poder civil. Sejam ciosos das suas glórias, sempre prontos a defendê-la contra os seus inimigos públicos e privados.

Rezar 3 Pai-nossos, 3 Ave-Marias e o Glória, em honra das três insígnias com que o amantíssimo Coração do nosso Rei se apresentou a Santa Margarida Maria entre esplendores de divina Realeza.

Em seguida, Oração à Rainha Imaculada e Oração final para todos os dias (vide pp. 16s.).

SEXTO DIA:**Jesus Cristo, Rei de toda a Criação**

Pelo sinal, etc., seguido das orações iniciais (vide pp. 13ss.). Depois segue:

**Leitura da Encíclica “QUAS PRIMAS”,
de S. S. PIO XI:**

Influência da liturgia na vida cristã

19. Com efeito, para instruir o povo nas verdades da fé e levá-lo assim às alegrias da vida eterna, mais eficazes que os documentos mais importantes do Magistério eclesiástico são as festividades anuais dos sagrados mistérios. Os documentos do Magistério, de fato, apenas alcançam um restrito número de espíritos mais cultos, ao passo que as festas atingem e instruem a universalidade dos fiéis. Os primeiros, por assim dizer, falam uma vez só, as segundas falam sem intermitência de ano para ano; os primeiros dirigem-se, sobretudo, ao entendimento; as segundas influem não só sobre a inteligência, mas também no coração,

quer dizer, no homem todo. Composto de corpo e alma, precisa o homem dos incitamentos exteriores das festividades para que, através da variedade e beleza dos sagrados ritos, recolha no ânimo a divina doutrina, e, transformando-a em substância e sangue, tire dela novos progressos em sua vida espiritual.

***Origem histórica e providencial
das festas na Igreja***

20. Além disso, ensina-nos a própria História que essas festividades litúrgicas foram introduzidas, no decorrer dos séculos, umas após outras, para responder às necessidades ou vantagens espirituais do povo cristão. Foram-se constituindo para fortalecer os ânimos em presença de algum perigo comum, para premunir os espíritos contra os ardis da heresia, para mover e inflamar os corações a celebrar com mais ardente piedade algum mistério de nossa fé ou algum benefício da divina graça. Assim é que, desde os primeiros tempos da era cristã, quando açoitados pelas mais cruentas perseguições, os fiéis começaram, com sagrados ritos, a comemorar os mártires, para que, como diz Sto. Agostinho, “as solenidades dos mártires fossem exortação ao martírio” (Sermão 47, de

Sanctis). As honras litúrgicas, mais tarde decretadas aos confessores, às virgens, às viúvas, contribuíram singularmente para promover nos fiéis o zelo pela virtude, indispensável mesmo em tempo de paz. Especialmente as festas em honra da Virgem Beatíssima fizeram com que o povo cristão não só tributasse à Mãe de Deus, sua Protetora por excelência, um culto mais assíduo, senão que ao mesmo tempo fosse continuamente crescendo seu amor filial à Mãe que o Redentor lhe deixara como que em testamento. Dentre os benefícios que dimanaram do culto público legitimamente prestado à Mãe de Deus e aos Santos do Céu, não é menor a vitória constante com que a Igreja se cobriu de louros, ao debelar e repelir a heresia e o erro. E nisto devemos admirar os desígnios da divina Providência, que, segundo o costume, tira o bem do mal. Permitiu que, de tempos a tempos, entibiasse a fé e a piedade popular; permitiu que doutrinas errôneas armassem insídias à piedade católica, mas sempre com o intuito de fazer finalmente fulgir a verdade com novo esplendor e mover os fiéis, despertos da tibieza, a tenderem com novo zelo a graus mais elevados de santidade e perfeição cristã. Idêntica é a origem, idênticos os frutos que produziram as solenidades recentemente introduzidas no calendário litúrgico. Tal

é a festa do “*Corpus Christi*”, instituída quando se esfriava a reverência e o culto para com o Santíssimo Sacramento; celebrada com brilho singular por oito dias de súplicas coletivas, a nova solenidade devia reconduzir os povos à adoração pública do Senhor. Tal é a festa do Coração Santíssimo de Jesus, estabelecida na época em que, abatidos e desalentados pelas tristes doutrinas e o rigorismo sombrio do jansenismo, os fiéis sentiam seus corações regelados e, com escrúpulo, deles excluía todo sentimento de amor de Deus e a esperança de conseguirem a salvação eterna.

Oportunidade da festa

21. Para nós também soou a hora de provermos às necessidades dos tempos presentes e de opormos um remédio eficaz à peste que corrói a sociedade humana. Fazemo-lo, prescrevendo ao universo católico o culto de Cristo Rei. Uma peste de nosso tempo é o chamado laicismo, com seus erros e atentados criminosos.

* * *

CONSIDERAÇÃO

Que império humano se estendeu jamais por tão dilatados confins como o Império divino do

Homem-Deus? E muito mais amplos ainda são esses confins, ao ponto que se confundem com os da Criação universal. *“In omni gente primatum habui”* – “Entre todas as nações, tive a primazia” (Eclo 24, 11).

Pelo que diz respeito a este mundo, a este planeta, “o Império de Cristo se estende não somente sobre os povos católicos e sobre aqueles que, tendo recebido o batismo, pertencem de direito à Igreja, ainda que o erro os tenha extraviado ou o cisma os separe da caridade; mas compreende, outrossim, a quantos não participam da fé cristã; de sorte que o gênero humano inteiro se acha sob o domínio de Jesus” (Leão XIII).

Os hereges e os cismáticos, os judeus e maometanos, todos os infiéis, enfim, são forçosamente, por sua mesma natureza, súditos de Jesus Cristo-Rei. “Precisamente por isso é que Cristo morreu e ressuscitou: para ser Senhor dos mortos e dos vivos” (Rm 14, 9).

E este poder de Jesus Cristo sobre todos os seres dotados de inteligência é tão completo no que abrange quanto é amplo na sua extensão: é o tríplice poder legislativo, executivo e judiciário. Jesus Cristo foi dado aos homens como Redentor

e Legislador; a Ele confiou o Eterno Pai todo o poder de julgar; Ele mesmo inflige os castigos aos rebeldes do seu Reino e recompensa grandiosamente aos seus fiéis vassalos. Jesus Cristo é o Rei de todos os Estados e Nações da Terra. Oh! Que estreitos laços de verdadeira fraternidade, de paz e amor mútuo uniriam entre si todas as nações do mundo, se buscassem a paz de Cristo no Reino de Cristo; se todas se deixassem governar por Ele, que verdadeira sociedade de nações formariam então todas as do mundo!

É este o fundamento da Consagração de todo o gênero humano ao Sagrado Coração de Jesus feita pelos Papas Leão XIII e Pio XI, e que se deve renovar todos os anos na Festa de Cristo Rei, no último domingo de outubro.

Jesus Cristo é Rei e Árbitro supremo dos nossos destinos. No último dia dos tempos, virá o Filho do Homem sobre as nuvens, com grande poder e majestade, com o estandarte real da sua Cruz, formando-lhe a escolta real as legiões angélicas; e julgará todas as criaturas, condenará os seus súditos rebeldes ao suplício eterno e convidará os seus fiéis vassalos para o júbilo da eterna bem-aventurança: “Vinde, benditos de meu Pai, possui o Reino que vos está preparado desde a

criação do mundo” (Mt 25, 34). Que ostentação tão grandiosa do seu régio poder!

Jesus Cristo é Rei da Criação universal. “Ele é a imagem do Deus invisível, o Primogênito de toda criatura, porque n’Ele foram criadas todas as coisas nos Céus e na Terra, as visíveis e as invisíveis, os tronos, as dominações, os principados, as potestades: tudo foi criado por Ele e para Ele, e Ele é antes de todas as coisas, todas as coisas subsistem por Ele. Ele é a Cabeça do Corpo da Igreja, é o Princípio, o Primogênito dentre os mortos, de maneira que tem a primazia em todas as coisas, porque foi do agrado do Pai que residisse n’Ele toda a plenitude e que por Ele fossem reconciliadas, consigo, todas as coisas, pacificando pelo sangue da sua Cruz tanto as coisas da Terra como as do Céu” (1Col 1, 15-20).

Deus Pai propôs restaurarem-se em Cristo todas as coisas do Céu e da Terra; isto é, quis recapitular no Homem-Deus tudo quanto há de bom e de belo espalhado em todos os seres. Jesus Cristo é o centro de gravidade de toda a Criação; os seres que para Ele gravitam pelo amor são eternamente venturosos; os infelizes que se subtraem a este centro de atração, por isso mesmo, vão caindo no precipício da sua perdição eterna.

COLÓQUIO (vide pp. 15-16)

RESOLUÇÃO APOSTÓLICA

Empenhar-se ativamente, com orações e esmolas, com sacrifícios e ação pessoal, para que todos os não-católicos entrem no aprisco da Santa Igreja Católica. Estimemos e favoreçamos com entusiasmo às Missões entre infieis.

Rezar 3 Pai-nossos, 3 Ave-Marias e o Glória, em honra das três insígnias com que o amantíssimo Coração do nosso Rei se apresentou a Santa Margarida Maria entre esplendores de divina Realeza.

Em seguida, Oração à Rainha Imaculada e Oração final para todos os dias (vide pp. 16s.).

SÉTIMO DIA:**Jesus Cristo, Rei por Seu Coração**

Pelo sinal, etc., seguido das orações iniciais (vide pp. 13ss.). Depois segue:

Leitura da Encíclica “*QUAS PRIMAS*”,
de S. S. PIO XI:

Excessos do laicismo

22. Como bem sabeis, veneráveis irmãos, não foi em um dia que esta praga chegou à sua plena maturação; há muito, estava latente nos Estados modernos. Começou-se, primeiro, a negar a soberania de Cristo sobre todas as nações; negou-se, portanto, à Igreja o direito de doutrinar o gênero humano, de legislar e reger os povos em ordem à eterna bem-aventurança. Aos poucos, foi equiparada a Religião de Cristo aos falsos cultos, e indecorosamente rebaixada ao mesmo nível. Sujeitaram-na, em seguida, à autoridade civil, entregando-a, por assim dizer, ao capricho

de príncipes e governos. Houve até quem pretendesse substituir a Religião de Cristo por um simples sentimento de religiosidade natural. Certos Estados, por fim, julgaram poder dispensar-se do próprio Deus e fizeram consistir sua religião na irreligião e no esquecimento consciente e voluntário de Deus.

Frutos perniciosos do laicismo

23. Os frutos sobremodo amargosos que, tantas vezes e com tanta persistência, produziu essa apostasia dos indivíduos e dos Estados que desertam a Cristo, expusemos na Encíclica “*Ubi Arcano*”. Tornamos a lamentá-los hoje. Frutos dessa apostasia são os germes de ódio espalhados por toda parte, as invejas e rivalidades entre nações, que alimentam as discórdias internacionais e dificultam ainda agora a restauração da paz; frutos desta apostasia são as ambições desenfreadas, que muitas vezes se encobrem com a máscara do interesse público e do amor à pátria, e suas tristes consequências: dissensões civis, egoísmo cego e desmedido, sem outro fito nem outra regra mais que vantagens pessoais e proveitos particulares. Fruto desta apostasia é a perturbação da paz do-

méstica, pelo esquecimento e desleixo das obrigações familiares, o enfraquecimento da união e estabilidade no seio das famílias, e por fim o abalo na sociedade toda, que ameaça ruir.

Pusilanimidade de certos católicos

24. A festa, doravante anual, de “Cristo Rei” dá-nos a mais viva esperança de acelerarmos a tão desejada volta da humanidade ao seu Salvador amantíssimo. Fora, com certeza, dever dos católicos apressar e preparar essa volta com diligente empenho; a muitos deles, contudo, pelo que parece, não toca, na sociedade civil, o posto e a autoridade que conviriam aos apologistas da fé. Talvez deva este fato atribuir-se à indolência e timidez dos bons que se abstêm de toda resistência, ou resistem com moleza, donde provém, nos adversários da Igreja, novo acréscimo de pretensões e de audácia. Mas, desde que a massa dos fiéis se compenetre de que é obrigação sua combater com valentia e sem tréguas os estandartes de Cristo Rei, o zelo apostólico abrasará seus corações, e todos se esforçarão por fazer reconciliar com o Senhor as almas que o ignoram ou d’Ele desertaram; todos, enfim, se esforçarão por manter inviolados os direitos do próprio Deus.

Protesto e reparação

25. Mas isso não basta. Uma festa anualmente celebrada, por todos os povos, em homenagem a Cristo Rei, será sobremaneira eficaz para condenar e ressarcir, de algum modo, essa apostasia pública, tão desastrada para as nações, gerada pelo laicismo. Com efeito, quanto mais vergonhosamente se passa em silêncio, quer nas conferências internacionais, quer nos parlamentos, o nome suavíssimo do nosso Redentor, tanto mais alto o devemos aclamar, tanto mais devemos reconhecer os direitos que a Cristo conferem sua dignidade e poder real.

* * *

CONSIDERAÇÃO

Ao solicitar-se da Sé Apostólica a concessão da nova Festa, muitos desejavam que se chamasse Festa do Reinado Social do Sagrado Coração de Jesus. Sua Santidade, porém, preferiu dar-lhe o nome de Festa de Cristo Rei. Magnífica glorificação do nosso divino Redentor! Jesus Cristo, com efeito, é Rei absoluto e Soberano de todas as criaturas; todas devem prestar-lhe homenagem e vassalagem. Há de dobrar-se todo joelho perante

Ele no Céu, na Terra e nos abismos. Não somente os que o amam, os que veneram seu Coração amorosíssimo, mas ainda os que andam muito afastados d'Ele. Mas neste mundo, nesta vida, é Ele antes de tudo Rei de amor: Quer reinar suavemente, pelo seu Coração. Não empunha o centro de ferro (*Virga ferrea*) da sua justiça, mas o centro de ouro de seu amor. Não é o Deus terrível do Sinai, mas o Deus amantíssimo de Paray¹, cujos mandamentos são amorosos convites a devolver-lhe amor por amor: “Eis que o teu Rei veio a ti manso e suave”. Jesus disse a Santa Margarida: “Eis o Coração que tanto tem amado aos homens, que tudo tem feito, até entregar-se e consumir-se para lhes provar o seu amor, e, em paga, da maior parte deles só recebe ingratidões”.

Quer Jesus que reconheçamos o entranhado e indescritível amor que nos professa, e por isso se apresenta a nós com o Coração em mãos, feito fornalha ardente de caridade, e nos diz: “Contemplai o meu Coração! Amai-me pelo muito que eu vos amo! Oferecei-me um desagravo pelo pouco que vós me amais!”.

1. Refere-se ao Mosteiro de Paray-le-Monial, construído no século XII e onde Nosso Senhor revelou seu Sagrado Coração à Santa Margarida Maria Alacoque.

Amor e Reparação, são os dois polos desta preciosíssima devoção. Jesus Cristo simboliza agora sua Realeza na coroa que rodeia o seu Coração esbraseado. Nos séculos passados, queria Jesus Cristo que a Cruz fosse o seu estandarte real; nos tempos atuais, quer que seja o seu Coração abrasado, onde campeia também a Cruz. “Eis aqui”, disse Leão XIII na sua Encíclica *Annum Sacrum*, “eis que se oferece hoje aos nossos olhares outro sinal diviníssimo e de suprema esperança, a saber: o sacratíssimo Coração de Jesus queimado pela Cruz e brilhando com refulgente esplendor em meio a chamas. N'Ele havemos de colocar todas as nossas esperanças; a Ele havemos de pedir, d'Ele havemos de esperar a salvação dos homens”.

À sombra deste estandarte se hão de travar os últimos combates e obter-se os grandes triunfos da Igreja contra o inferno. Sim! Este divino Coração há de reinar! Gostava de repetir a virgem de Paray: “Sim, há de reinar! Ele me assegurou. Esta promessa me enche de alegria; Satanás será confundido”. – “O fim principal desta devoção”, acrescenta Santa Margarida, “é converter as almas ao amor deste divino Coração e fazê-lo dono e possuidor de nossos corações, procurando-lhe amor por amor. (...) Esta devoção, declarou-lhe

o mesmo Jesus, é o ultimo esforço do Amor divino para nos fazer aceitar a suave liberdade do Império deste amor, que deseja restabelecer nos corações dos que se resolverem a abraçá-la”.

E quem não se sujeitará de bom grado ao dulcíssimo império de amor do amantíssimo e amabilíssimo Coração de Jesus, nosso Salvador? Quem não terá amor a um Coração tão amante? Quem não terá amor a um Coração tão ferido? Quem não terá amor a um Coração tão puro? Anátema e maldito seja aquele que não ame ao Coração do nosso Rei Jesus Cristo.

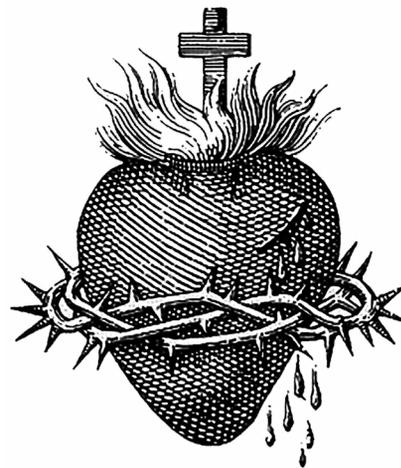
COLÓQUIO (vide pp. 15-16)

RESOLUÇÃO APOSTÓLICA

Pedir perdão a Nosso Senhor Jesus Cristo pelo nosso desamor, e oferecer-lhe desagravo das ofensas dos homens. Retribuir-lhe amor com amor, consagrando toda a nossa vida a sermos amantes entusiastas e apóstolos incansáveis do amantíssimo Coração de Cristo Rei.

Rezar 3 Pai-nossos, 3 Ave-Marias e o Glória, em honra das três insígnias com que o amantíssimo Coração do nosso Rei se apresentou a Santa Margarida Maria entre esplendores de divina Realeza.

Em seguida, Oração à Rainha Imaculada e Oração final para todos os dias (vide pp. 16s.).



*COR IESU,
MAJESTATIS INFINITÆ,
MISERERE NOBIS.*

OITAVO DIA:**Jesus Cristo, Rei na Sagrada Eucaristia**

Pelo sinal, etc., seguido das orações iniciais (vide pp. 13ss.). Depois segue:

**Leitura da Encíclica “QUAS PRIMAS”,
de S. S. PIO XI:**

**CONVENIÊNCIAS ATUAIS DA
INSTITUIÇÃO DA FESTA**

Precedentes da Festa de Cristo Rei

26. E quem não vê que, desde os últimos anos do século passado, ia-se de modo admirável preparando o caminho à instituição desta Festa? Ninguém, com efeito, ignora como, com livros que se escreveram nas várias línguas do mundo inteiro, este culto foi explicado e doutamente defendido. Sabem todos que a autoridade e realeza de Cristo foi já reconhecida pela piedosa prática de se consagrarem e dedicarem ao Sagrado Co-

ração de Jesus famílias inumeráveis. E não só as famílias, mas também Estados e Reinos praticaram o mesmo ato. Antes, por iniciativa e direção de Leão XIII, o gênero humano inteiro foi felizmente consagrado a este Coração Santíssimo, no correr do Ano Santo de 1900. Não podemos preterir os congressos eucarísticos que nossa época viu se multiplicarem em grande número. Tão bem serviram à causa da solene proclamação humana, reunidos para apresentar à veneração e às homenagens populares de uma diocese, de um província, de uma nação ou mesmo do mundo inteiro, Cristo Rei, oculto sob os véus eucarísticos. Esses congressos, em conferências realizadas nas suas assembleias, em sermões proferidos nas igrejas, por meio da exposição pública ou da adoração em comum do Santíssimo Sacramento e de grandiosas procissões, enaltecem a Cristo como ao Rei que os homens receberam de Deus. Este Jesus, que os ímpios recusaram acolher quando veio a seu reino, pode-se dizer com toda a verdade que o povo cristão, movido de uma inspiração divina, vai arrancá-lo ao silêncio e, por assim dizer, à obscuridade dos templos, para levá-lo, qual triunfador, pelas ruas das grandes cidades e reintegrá-lo em todos os direitos de sua Realeza.

***Excelentes disposições dos fiéis
ao saírem do Jubileu***

27. Para a realização deste nosso desígnio, de que acabamos de falar, oferece-nos ensejo sumamente oportuno o “Ano Santo” que finda. Este ano veio lembrar ao espírito e ao coração dos fiéis os bens celestes que sobrepujam todo sentimento natural. Em sua bondade infinita, Deus restitui a uns a sua graça, e confirma a outros no bom caminho, infundindo-lhes novo ardor para aspirarem a dons mais perfeitos. Quer atendamos às numerosas súplicas que nos foram dirigidas, quer consideremos os acontecimentos que se deram no correr do “Ano Santo”, sobeja razão nos assiste de pensarmos que deveras para nós souu a hora de proferirmos a sentença tão ansiosamente aguardada por todos, e que decretemos uma festa especial em honra de Cristo, Rei de todo o gênero humano. Durante este ano, com efeito, como a princípio dissemos, este divino Rei, deveras admirável em seus santos, conquistou novos triunfos, com elevação às honras dos altares de mais um punhado de soldados seus. Durante este ano, uma exposição extraordinária pôs ante os olhos do mundo as fadigas e, de algum modo, os próprios trabalhos dos arautos do Evangelho,

e todos puderam admirar as vitórias ganhas por esses campeões de Cristo para a extensão do seu Reino; durante este ano, finalmente, com o centenário do Concílio de Niceia, comemoramos, contra os seus detratores, a defesa e definição do dogma da consubstancialidade do Verbo Humano com seu Pai, verdade na qual descansa, como em fundamento, a Soberania de Cristo sobre todos os povos.

Data e modalidade da Festa

28. Portanto, em virtude de nossa autoridade apostólica, instituímos a Festa de “Nosso Senhor Jesus Cristo Rei”, mandando que seja celebrada a cada ano, no mundo inteiro, no último domingo de outubro imediato à solenidade de Todos os Santos. Prescrevemos igualmente que a cada ano se renove, nesse dia, a consagração do gênero humano ao Coração de Jesus, que já nosso Predecessor de saudosa memória, Pio X, ordenara se fizesse anualmente. Contudo, queremos que neste ano a renovação se faça aos 31 de dezembro; nesse dia, celebraremos Missa pontifical em honra de “Cristo Rei” e mandaremos proferir, em nossa presença, o Ato de Consagração. Quer parecer-nos que não pode haver melhor encerra-

mento do “Ano Santo” e que, destarte, daremos a “Cristo, Rei Imortal dos séculos”, o testemunho mais eloquente de nossa gratidão e do reconhecimento do universo católico, de quem nos fazemos intérpretes, pelos benefícios que nesse período de graças concedeu a nós mesmo, à Igreja, à cristandade toda.

Objeto formal da nova Festa

29. É escusado, veneráveis irmãos, explicar-vos longamente os motivos de uma festa especial em honra de “Cristo Rei”. Pois, conquanto outras festas já existentes enalteçam e de algum modo glorifiquem sua dignidade real, basta, contudo, observar: se todas as festas de Nosso Senhor têm a Cristo, segundo a linguagem dos teólogos, por “objeto material”, de modo algum é o poder apelativo de Rei “objeto formal” das mesmas.

Seu lugar no ciclo litúrgico

30. Fixando a nova festa em um domingo, quise-mos que não só o clero fosse o único em prestar suas homenagens a “Cristo Rei”, com a celebração do Santo Sacrifício e a reza do Santo Ofício, mas que o povo, desimpedido de suas ocupações

ordinárias e animado de santa alegria, pudesse dar a Cristo, como a seu Senhor e Soberano, um manifesto testemunho de obediência. Finalmente, mais apropriado nos pareceu o último domingo de outubro, porque este domingo, em certo modo, encerra o ciclo do ano litúrgico; destarte, os mistérios da vida de Jesus Cristo, comemorados no decorrer do ano que finda, terão na solenidade de “Cristo Rei” como que seu termo e sua coroa, e antes de celebrar a glória de todos os Santos, a liturgia proclamará e enaltecerá a glória d’Aquele que em todos os Santos e em todos os eleitos triunfa. É dever e direito vosso, veneráveis irmãos, fazer preceder a festa por uma série de instruções que se deem em dias determinados nas diferentes paróquias, para instruir acuradamente o povo da natureza, significado e importância desta festa, por onde os fiéis regulem a sua vida de modo a torná-la digna de súditos leais e submissos de coração à soberania do Divino Rei.

* * *

CONSIDERAÇÃO

Muito acertadamente nos convida a Santa Igreja, no Ofício do Santíssimo Sacramento, a adorar nele de um modo especial a Jesus Cristo Rei:

“Vinde, adoremos a Cristo Rei, que domina sobre os nações, e aos que d’Ele se alimentam dá a abundância da sua graça”. A sagrada Eucaristia é com efeito o Trono de Amor de Jesus Cristo. Não é Ele porventura Rei de Amor? Pois, sendo assim, onde melhor assentará o seu trono que no Sacramento do amor por excelência? Realmente, quando me ponho a pensar neste admirabilíssimo Sacramento, o que mais admira e me prende a atenção não é precisamente a divina Sabedoria, que ideou este conjunto de estupendas maravilhas; nem mesmo a infinita onipotência, que as pôde realizar; mas o amor incrível e assombroso que as quiz realizar, que instituiu este inefável Sacramento, Memorial das maravilhas de Deus. Eis aí porque a Eucaristia é o trono do amor de Jesus Cristo Rei.

Por outra parte, se o amamos, se o desejamos ver para lhe apresentarmos nossas homenagens, temos que acudir aonde Ele se encontra pessoalmente: ao Sacrário, verdadeira sala do trono do nosso Monarca. Ali o viu repetidas vezes o seráfico Pe. Cardaveraz, S. J., “em forma de majestoso Senhor e Rei supremo da Glória”, ao mesmo tempo em que lhe mostrava “incomparável severidade, como quem justamente está irado e irritado

contra os mortais”, por se mostrarem tão ingratos e desconhecidos neste Sacramento de suas bondades. Não havemos nós de crer n’Ele firmemente? Não o amaremos ardentemente? Não nos empenharemos em desagrarar, com todas as veras do nosso coração, tantas afrontas e ingratidões?

Pode-se dizer que no Sacrário assentou Jesus seus arraiais para conquistar o mundo para Si, a poder de benefícios do seu Coração e a poder da fé e do entusiasmo de seus fiéis vassalos. Digam-no os múltiplos congressos eucarísticos regionais, nacionais e internacionais dos nossos tempos, que “serviram maravilhosamente”, como bem o declarou o Santo Padre Pio XI na sua Encíclica “*Quas primas*”, “para afirmar solenemente esta soberania de Cristo sobre a sociedade humana...”

Com muita razão e acerto, poderia se dizer que o povo cristão, movido por uma como que inspiração divina, arrancando da solidão e quase esconderijo dos templos àquele mesmo Jesus a quem os ímpios não quiseram receber quando veio a este mundo, e levando-o em triunfo e entre *hosanas* pelas ruas publicas, quer restabelecer-lo em todos os seus direitos reais.

Fresca está ainda à lembrança o celeberrimo 18º Congresso Eucarístico Internacional, cele-

brado em Chicago, o congresso das grandes multidões, ao qual assistiu um milhão de peregrinos, do mundo inteiro. “A história do mundo”, afirmou uma revista norte-americana não católica, “não pode fazer menção de nenhuma outra assembleia que rivalize em magnificência com esta assembleia, qualquer que tenha sido o motivo da convocação e reunião dos congressistas. Foi realmente um Congresso mundial, em que tomaram parte as nações e os povos da Terra, falando toda classe de idiomas”.

Vinde, pois, indivíduos; vinde, povos; vinde, nações todas. Adoremos a Jesus Cristo Rei no seu Trono de Amor, a Sagrada Eucaristia. Sejam delicados para com o amabilíssimo Jesus. Quanto mais profundas são as humilhações a que Ele se sujeita por nosso amor, tanto mais excelsas hão de ser as nossas aclamações; quanto mais ocultas as suas grandezas em atenção à nossa fraqueza, tanto maior seja o nosso entusiasmo em manifestá-las. Viva Jesus Sacramentado! Viva, e de todos seja amado!

COLÓQUIO (vide pp. 15-16)

RESOLUÇÃO APOSTÓLICA

Visitar frequentemente a Nosso Senhor Jesus Sacramentado; assistir todos os dias, devotamente, ao santo Sacrifício da Missa e entronizá-lo frequentemente, e até diariamente, em nosso coração pela sagrada Comunhão. Apresentar-lhe sinceros e sentidos desagrvos dos ultrajes que recebe, tomando parte nas obras eucarísticas reparadoras e acompanhando-o com recolhimento e piedade nas procissões.

Rezar 3 Pai-nossos, 3 Ave-Marias e o Glória, em honra das três insígnias com que o amantíssimo Coração do nosso Rei se apresentou a Santa Margarida Maria entre esplendores de divina Realeza.

Em seguida, Oração à Rainha Imaculada e Oração final para todos os dias (vide pp. 16s.).

NONO DIA:**Jesus Cristo, Rei da Glória**

Pelo sinal, etc., seguido das orações iniciais (vide pp. 13ss.). Depois segue:

**Leitura da Encíclica “QUAS PRIMAS”,
de S. S. PIO XI:**

Esperanças e augúrios

31. Ao fecharmos esta carta, quiséramos ainda, veneráveis irmãos, expor-vos brevemente os frutos os quais, tanto para a Igreja e a sociedade civil quanto para cada um dos fiéis, esperamos deste culto público prestado a Cristo Rei.

Melhor compreensão dos direitos da Igreja

32. A obrigação de tributar à soberania de Nosso Senhor as homenagens a que nos referimos relembra junto aos homens os direitos da Igreja. Instituída por Cristo, que lhe deu a forma or-

gânica de sociedade perfeita, exige, em virtude deste direito que dimana de sua origem divina e do qual ela não pode abdicar, a plena liberdade, a independência absoluta do poder civil. No desempenho de sua divina missão de ensinar, reger e conduzir à eterna felicidade todos os membros do Reino de Cristo, não pode, de modo algum, depender de vontade estranha. Antes, idêntica liberdade deve o Estado conceder às ordens e congregações religiosas de ambos os sexos, pois são os auxiliares mais firmes dos pastores da Igreja, os que mais eficazmente se empenham em difundir e confirmar o Reinado de Cristo, primeiro debelando em si, com a profissão religiosa, o mundo e sua tríplice concupiscência, e depois, pelo fato de haverem abraçado uma profissão de vida mais perfeita, fazendo resplandecer aos olhos de todos, com fulgor contínuo e cada dia crescente, esta santidade da qual o divino Fundador quis fazer uma nota distinta de sua Igreja autêntica.

Restauração do culto público e oficial

33. Com a celebração anual desta Festa, hão de relembrar-se, outrossim, os Estados que aos governos e à magistratura incumbe a obrigação,

bem assim como aos particulares, de prestar culto público a Cristo e sujeitar-se às suas leis. Lembrar-se-ão também os chefes da sociedade civil do Juízo final, quando Cristo acusará aos que o expulsaram da vida pública, e a quantos, com desdém, o desprezaram ou desconhecaram; de tamanha afronta há de tomar o supremo Juiz a mais terrível vingança; seu poder real, com efeito, exige que o Estado se reja totalmente pelos Mandamentos de Deus e os princípios cristãos, quer se trate de fazer leis ou de administrar a justiça, quer da educação intelectual e moral da juventude, que deve respeitar a Sã Doutrina e a pureza dos costumes.

Grande impulso à piedade dos fiéis

34. Que energias, além disso, que virtudes não poderão os fiéis haurir da meditação destas verdades, para amoldar seus espíritos aos princípios verdadeiros da vida cristã! Se todo o poder foi dado ao Senhor Jesus, no Céu e na Terra, se os homens, resgatados pelo seu sangue preciosíssimo, se tornam com novo título súditos de seu Império, se finalmente este poder abraça a natureza humana em seu conjunto, é claro que nenhuma de nossas faculdades se pode subtrair a

essa Realeza. É preciso, pois, que reine em nossas inteligências: com plena submissão, com adesão firme e constante, devemos crer as verdades reveladas e os ensinamentos de Cristo. É preciso que Ele reine em nossas vontades: devemos observar as Leis e os Mandamentos de Deus. É preciso que reine em nossos corações: devemos mortificar nossos afetos naturais e amar a Deus sobre todas as coisas. É preciso que reine em nossos corpos e em nossos membros: devemos transformá-los em instrumentos, ou, para falarmos com S. Paulo, “em armas de justiça, oferecidas a Deus” (Rm 6, 13) para aumento da santidade de nossas almas. Eis os pensamentos que, propostos à reflexão dos fiéis e atentamente ponderados, hão de facilmente levá-los a uma mais elevada perfeição.

Augúrio final

35. Praza a Deus, Veneráveis irmãos, que os homens, afastados da Igreja, procurem e aceitem, para a salvação de suas almas, o jugo suave de Cristo. Quanto a nós todos, por divina misericórdia súditos e filhos seus, queira Deus que levemos este jugo não de má vontade, mas com prazer, com amor, santamente. Assim, no decorrer de uma vida pautada pelas leis do Reino do Céu,

recolheremos, alegres, grande cópia de frutos, e mereceremos que Cristo, reconhecendo-nos por bons e fiéis servidores de seu reino terrestre, nos admita depois a participar com Ele da eterna felicidade e da glória sem fim em seu Reino celeste.

Aceitai, veneráveis irmãos, ao decorrerem as festas natalícias do Senhor, este presságio e este augúrio, como prova de nosso paternal afeto, e, como penhor de divinos favores, recebei a bênção apostólica, que com toda a alma vos concedemos a vós, veneráveis irmãos, ao vosso clero e à vossa grei.

*Dada em Roma, junto a S. Pedro,
aos 11 de dezembro do Ano Santo de 1925,
quarto do Nosso Pontificado.*

PIO PP. XI

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Pio PP. XI', written in a cursive, flowing style.

CONSIDERAÇÃO

Jesus Cristo é Rei Soberano do Céu e da Terra. Não brilhará porém com todo o esplendor que compete à sua Realeza, até que chegue o fim dos tempos e comecem, para toda criatura, os séculos eternos. Dobrar-se-á então todo joelho perante Cristo Rei. Neste mundo, o Reino de Cristo efetivo é a Igreja Católica; no outro, sê-lo-á, para seus fiéis vassalos, o Céu eterno; para os rebeldes, o inferno também eterno. A estes, os governará com cetro de ferro e os pisará no lagar do vinho do furor da cólera de Deus onipotente. Aos justos, porém, seus súbditos fiéis, servi-los-á Ele mesmo, pessoalmente, e os agasalhará em seu Reino, onde comerão e beberão à sua própria mesa.

Na celeste Jerusalém, assentar-se-á o Senhor em seu trono real eternamente, à Direita da Majestade de Deus. O Senhor abençoará o seu povo com a abundância da paz. Ali regerá eternamente o Reino conquistado a poder de tormentos em sua vida mortal. Por isso foi ungido pelo Eterno Pai com o óleo da exaltação, como Sacerdote eterno e Rei universal; afim de que, oferecendo-se a Si mesmo como Hóstia imaculada e pacífica na ara da Cruz, cumprisse o mistério da redenção do gênero humano; e, submetidas ao seu império

todas as criaturas, entregasse à imensa Majestade de Deus o Reino eterno e universal; Reino da verdade e da vida, Reino da santificação e da graça, Reino da justiça, do amor e da paz (Prefácio da Missa de Cristo Rei).

Ali já lhe foi conferido todo poder, glória e império, e todos os povos, todas as raças e línguas lhe rendem vassalagem. Sua dominação é dominação eterna, que não terá fim; seu Reino nunca será destruído. Reinará na Casa de Jacó (que são todos os predestinados) eternamente, e seu reinado não terá termo.

Felicíssimos súditos, filhos deste Rei formosíssimo! Ouvir-se-ão no Céu poderosas vozes que digam: “O império do mundo está nas mãos de nosso Senhor e de seu Ungido, e reinará pelos séculos dos séculos!”. E aqueles venturosíssimos cortesões cantarão todos: “O Cordeiro, que foi imolado, é digno de receber o poder, a divindade, a sabedoria, a fortaleza, a honra, a glória, a bênção! A Ele a glória e o império nos séculos dos séculos!”. Entoai hinos ao nosso Deus; cantai ao nosso Rei, cantai!

Oh! Que glorioso será aquele Reino felicíssimo, ilustrado pelo mesmo Cordeiro de Deus,

Reino venturoso em que os súditos serão verdadeiros reis, que reinarão e se alegrarão eternamente! Irá o Rei da Glória montado em um cavalo branco; seus olhos serão chamejantes, sobre sua cabeça muitos diademas; e o seguirão os seus exércitos celestes, vestidos de linho novo e montados em cavalos brancos.

E toda aquela mansão ditosa, de interminável ventura, ressoará no dia perpétuo da eternidade com o hino da vitória do Verbo de Deus incarnado; *Tu Rex Gloriae, Christe!* – Jesus Cristo, vós sois o Rei da Glória!

COLÓQUIO (vide pp. 15-16)

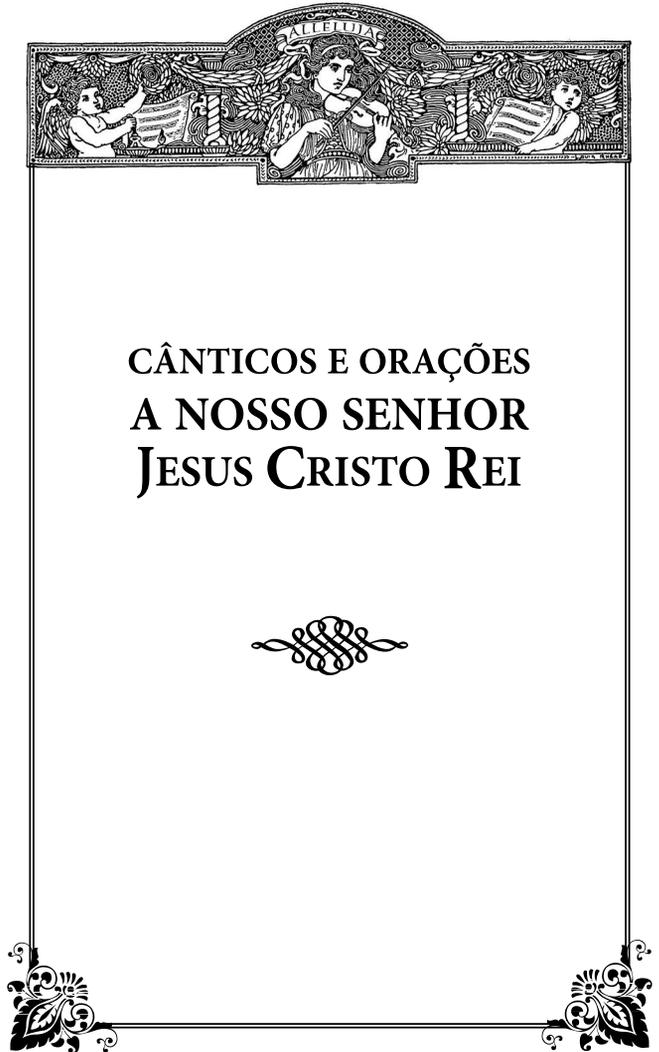
RESOLUÇÃO APOSTÓLICA

Militar sempre com marcial entusiasmo sob as bandeiras do Divino Rei, para dilatar o seu Reinado de amor na Terra e aumentar, assim, o número dos venturosos cortesões da sua Glória. Lutar com denodo pela glorificação de Jesus Cristo nesta vida, com a esperança de reinar com Ele na eterna Bem-aventurança.

PE. JOSÉ MARIA SÁENZ DE TEJADA, S. J.

Rezar 3 Pai-nossos, 3 Ave-Marias e o Glória, em honra das três insígnias com que o amantíssimo Coração do nosso Rei se apresentou a Santa Margarida Maria entre esplendores de divina Realeza.

Em seguida, Oração à Rainha Imaculada e Oração final para todos os dias (vide pp. 16s.).



Te Sæculorum Principem

Hymn.

T E sæ-cu-ló-rum Prínci-pem, Te, Christe, Re-gem Génti-um, Te ménti-um, Te córdi-um Unum fa-té-mur ár-bi-trum. 2. Sce-lé-sta turba clámi-tat: Regná-re Chri-stum nó-lumus: Te nos ovántes ómni-um Regem supré-mum dí-cimus. 3. O Chri-ste, Princeps Pá-ci-fer, Mentés re-bél-les súbji-ce: Tu-óque amó-re dé-vi-os, Ovile in u-num cón-gre-ga. 4. Ad hoc cru-énta ab árbo-re, Pendes a-pér-tis brá-chi-is: Dí-ráque fossum cúspi-de Cor igne fla-grans éxhi-

bes. 5. Ad hoc in a-ris ábde-ris Vi-ni da-písque imá-gi-ne,

Fundens sa-lú-tem fí-li-is Transverbe-rá-to pécto-re.

6. Te na-ti-ónum Præ-si-des Honó-re tol-lant públi-co,

Co-lant ma-gístri, jú-di-ces, Leges et ar-tes éxprimant.

7. Submís-sa regum fúlge-ant Ti-bi di-cáta insígni-a:

Mi-tique sceptro pátri-am Domósque sub-de cí-vi-um.

8. Je-su, ti-bi sit gló-ri-a, Qui scepra mundi ténpe-ras, Cum

Patre, et almo Spí-ri-tu, In sempi-tér-na sæ-cu-la. A-men.

¶ Multiplí-cá-bi-tur e-jus impé-ri-um.

℞ Et pa-cis non e-rit fi-nis.

Hino a Cristo Rei

Hon - ra, gló - ria, lou - vor sem - pi - ter
 - no a Je - sus, a Je - sus Re - den - tor!
 Deus de Deus, Luz da Luz, Ver - bo, E - ter -
 no Cris - to Rei, do - u - ni - ver - so Se - nhor
 Je - sus, Rei, Deus ver - da - dei - ro
 O Teu Rei - no ve - nha a nós
 O - be - de - ça, o mun - do, in - te - ei - ro
 so - po - der de - tu - a - a voz

**1. Te sæculorum Principem,
 Te, Christe, Regem Gentium,
 Te mentium, Te cordium
 Unum fatemur arbitrum.**

*A Vós, Príncipe dos Séculos,
 a Vós, Cristo, Rei das Nações,
 Vos confessamos Árbitro supremo
 das mentes e dos corações.*

**2. Scelesti turba clamitat:
 Regnare Christum nolumus:
 Te nos ovantes omnium
 Regem supremum dicimus.**

*A Turba ímpia grita:
 “Não queremos que Cristo Reine!”
 Nós, porém, vos aclamamos
 e vos dizemos Rei supremo.*

**3. O Christe, Princeps Pacifer,
 Mentis rebelles subiice:
 Tuoqu(e) amore devios,
 Ovil(e) in unum congrega.**

*Ó Cristo, Príncipe Pacífico,
 somente aos espíritos rebeldes:
 faz com que os perdidos encontrem o rumo
 e em um só aprisco se congreguem.*

**4. Ad hoc cruent(a) ab arbore,
 Pendes apertis brachiis:
 Diraque fossum cuspide
 Cor igne flagrans exhibes.**

*Para isso pendeis de uma cruenta cruz
 e abris nela os vossos braços;
 Para isso mostrai em vosso peito ferido
 Vosso abrasado Coração atravessado.*

**5. Ad hoc in aris abderis
Vini dapisqu(e) imagine,
Fundens salutem filiis
Transverberato pectore.**

*Para isso estais oculto nos Altares,
debaixo das imagens do Pão e do Vinho;
Para isso verteis de vosso peito aberto
Sangue de Salvação para vossos filhos.*

**6. Te nationum Præsides
Honore tollant publico,
Colant magistri, iudices,
Leges et artes exprimant.**

*Rendam-vos, os governadores
a Honra pública,
Venerem-vos os magistrados e juizes,
as leis e as artes sejam vossa expressão.*

**7. Submissa regum fulgeant
Tibi dicat(a) insignia:
Mitique sceptro patriam
Domosque subde civium.**

*As insígnias dos reis
Vos sejam dedicadas:
Submetam-se a vosso Cetro
os cidadãos todos da pátria.*

**8. Iesu, tibi sit gloria,
Qui scepra mundi temperas,
Cum Patr(e) et almo Spiritu,
In sempiterna sæcula.**

*Vossa seja a glória, Jesus,
que repartis os cetros da Terra,
Com o Pai e o Espírito Santo,
Por todos os Séculos dos séculos.*

Amen.

Amém.



Queremos Deus *Nous voulous Dieu (1882)*

João Brasil
Cecília (1939), c. 102, com outra melodia

F. X. Moureau (1816-1897)
Versão simplificada: Magnificat (1956), c. 1)

♩ = 76

1. Que-re-mos Deus, ho-mens in-gra-tos, Ao Pai-su-pre-mo, ao Re-den-tor, Zom-bam da
2. Que-re-mos Deus, um po-vo a-fli-to, Ó do-ce mãe, vem re-pe-tir, Aos vos-sos

5

fê os in-sen-sa-tos, Er-guem-se em vão con-tra o Se-nhor!
pés da al-ma-es-te gri-to Que aos pés de Deus fa-reis su-bir!

9

Da nos-sa fê, ó Vir-gem, O bra-do a-ben-ço-ai, Que-re-mos Deus que é nos-so

14

Rei, Que-re-mos Deus que é nos-so Pai. Que-re-mos Deus, que é nos-so

18

Rei, Que-re-mos Deus que é nos-so Pai. 1. 2. Que-re-mos Pai.

*Queremos Deus e_a sã
doutrina
Que nos legou na santa
Cruz!
Leve à escola e à oficina
A lei de Cristo, amor
e luz.*

*Queremos Deus! E
pronto vamos,
Sua lei santa defender;
Sempre servi-lo,_aqui
juramos
Queremos Deus até
morrer.*



*COR IESU,
IUSTITIÆ ET AMORIS RECEPTACULUM,
MISERERE NOBIS.*

CONSAGRAÇÃO DO GÊNERO HUMANO AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Dulcíssimo Jesus, Redentor do gênero humano, lançai sobre nós, humildemente prostrados em vossa Presença, os vossos olhares. Nós somos e queremos ser vossos; e a fim de podermos viver mais intimamente unidos a Vós, cada um de nós se consagra, espontaneamente, neste dia, ao vosso Sacratíssimo Coração.

Muitos há que nunca vos conheceram; muitos, desprezando os vossos mandamentos, vos renegaram. Benigníssimo Jesus, tende piedade de uns e de outros e trazei-os todos ao vosso Sagrado Coração.

Senhor, sede Rei não somente dos fiéis, que nunca de Vós se afastaram, mas também dos filhos pródigos, que vos abandonaram; fazei que estes tornem, quanto antes, à Casa paterna, para não perecerem de miséria e de fome.

Sede Rei dos que vivem iludidos no erro ou separados de Vós pela discórdia; trazei-os ao por-

to da verdade e à unidade da fé, a fim de que, em breve, haja um só rebanho e um só Pastor.

Senhor, conservai incólume a vossa Igreja, e dai-lhe liberdade segura e sem peias; concedei ordem e paz a todos os povos; fazei que, de um polo a outro do mundo, ressoe uma só voz: *Louvado seja o Coração Divino, que nos trouxe a salvação; honra e glória a Ele, por todos os séculos! Amém.*

LADAINHA AO SAGRADO CORAÇÃO
DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO

Senhor, tende piedade de nós.

Jesus Cristo , tende piedade de nós.

Senhor , tende piedade de nós.

Jesus Cristo, ouvi-nos.

Jesus Cristo, atendei-nos.

Pai Celeste, que sois Deus, tende piedade de nós.

Filho, Redentor do mundo, que sois Deus, tende piedade de nós [*a partir deste ponto, repetir 'tende piedade de nós' depois de cada súplica, até o final*];

Espírito Santo, que sois Deus;

Santíssima Trindade, que sois um só Deus;

Coração de Jesus, Filho do Pai eterno;

Coração de Jesus, formado pelo Espírito Santo no seio da Virgem Mãe;

Coração de Jesus, unido substancialmente ao Verbo de Deus;

Coração de Jesus, de Majestade infinita;

Coração de Jesus, Templo Santo de Deus;

Coração de Jesus, Tabernáculo do Altíssimo;

Coração de Jesus, Casa de Deus e Porta do Céu;

Coração de Jesus, Fornalha Ardente de caridade;

Coração de Jesus, Receptáculo de justiça e de amor;

Coração de Jesus, cheio de bondade e de amor;

Coração de Jesus, Abismo de todas as virtudes;

Coração de Jesus, digníssimo de todo louvor;

Coração de Jesus, Rei e centro de todos os corações;

Coração de Jesus, no qual estão todos os tesouros da sabedoria e ciência;

Coração de Jesus, no qual habita toda a plenitude da divindade;

Coração de Jesus, no qual o Pai põe todas as suas complacências;

Coração de Jesus, de cuja plenitude todos nós participamos;

Coração de Jesus, desejado das colinas eternas;

Coração de Jesus, paciente e de muita misericórdia;

Coração de Jesus, rico para todos que o invocam;

Coração de Jesus, fonte de vida e santidade;
Coração de Jesus, propiciação por nossos pecados;
Coração de Jesus, saturado de opróbrios;
Coração de Jesus, esmagado de dor por causa dos
nossos pecados;
Coração de Jesus, feito obediente até a morte;
Coração de Jesus, transpassado pela lança;
Coração de Jesus, fonte de toda consolação;
Coração de Jesus, nossa vida e ressurreição;
Coração de Jesus, nossa paz e reconciliação;
Coração de Jesus, Vítima dos pecadores;
Coração de Jesus, salvação dos que em Vós esperam;
Coração de Jesus, esperança dos que morrem em
Vós;
Coração de Jesus, delícia de todos os santos;
Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mun-
do, perdoai-nos, Senhor.
Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mun-
do, ouvi-nos, Senhor.
Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mun-

do, tende piedade de nós, Senhor.

℣. Jesus, manso e humilde de coração,

℟. Fazei o nosso coração semelhante ao vosso.

Oremos:

Deus eterno e todo-poderoso, olhai para o Cora-
ção de vosso diletíssimo Filho e para os louvores
e satisfações que Ele, em nome dos pecadores,
vos tem tributado; e, deixando-vos aplacar, per-
doai aos que imploram a vossa misericórdia, em
nome de vosso mesmo Filho, Jesus Cristo, que
Convosco vive e reina na Unidade do Espírito
Santo. Amém.



IMPRESSO AOS 19 DE JULHO
DO ANO DO SENHOR 2022,
FESTA DE SÃO CALISTO,
PAPA E MÁRTIR





Nestes nossos tempos de confusão e caos moral, os quais parecem reinar absolutos tanto na sociedade civil quanto, muitas vezes, nos próprios ambientes eclesiais, mais do que nunca se faz necessária aos fiéis católicos a plena confiança na divina Providência. Cabe-nos clamar ao Céu e confiar. Esta santa Novena poderá servir como valioso auxílio às almas devotas nestes dias difíceis.



Obras Católicas
www.obrascaticas.com

ISBN: 978-65-89613-49-7

CDL



9 786589 613497